

Raul Drewnick

RICARDINHO, O GRANDE

Júnior

Vaga-Lume



Ricardinho, o grande

1 - UM ESTRANHO NO QUARTO

Ricardinho estava na cama, deitado no escuro, quando a luz de um relâmpago, entrando repentinamente pela fresta da janela de alumínio, mostrou a sinistra figura de um homem parado na porta do quarto. O pavor espalhou-se instantaneamente pelo seu corpo, da cabeça aos pés, e ele começou a tremer tanto que o colchão parecia estar sendo sacudido por um terremoto.

— Ai — ele gemeu baixinho, mas teve a impressão de que a pequena palavra tinha estourado na casa como um trovão.

Lutando contra o pânico, sentiu mais do que nunca a injustiça de não ser um super-herói. Se fosse, não gastaria mais do que dois segundos para expulsar aquele invasor: um segundo para armar o soco e fazer a pontaria, outro segundo para acertar a cara dele.

Se não dava para ser um super-herói, ele podia pelo menos ter um ou dois poderes mágicos: transformar-se num passarinho e sair dali voando (mas como, se a janela estava fechada?) ou talvez (este parecia ser um truque melhor) virar uma estátua. Estátuas não sentiam medo, não tremiam nem precisavam respirar, pensou Ricardinho, aflito, porque mesmo que o homem, naquela escuridão, ainda não o tivesse visto, ele seria denunciado pelo barulho que fazia o ar para entrar e sair dos seus pulmões — era como se houvesse um trem apitando ali no quarto.

Outro relâmpago se infiltrou pela janela, e Ricardinho percebeu que o homem estava agora mais perto da cama. Isso, que deveria aterrorizá-lo ainda mais, acabou tendo um efeito oposto. O rosto do estranho visitante, iluminado pelo clarão do segundo relâmpago, já não parecia tão assustador. Se os olhos de Ricardinho tinham visto bem, havia nele um bigodinho e, no queixo, uma ponta de barba que antigamente os homens usavam. Como era mesmo o nome daquilo? Ca..... Ca... Ca... o quê?

— Cavanhaque — disse o homem, com voz fanhosa.

— O quê? — perguntou Ricardinho, arrependendo-se imediatamente da pergunta. Agora o invasor sabia exatamente onde ele estava.

— Cavanhaque. Não era essa a palavra que você queria lembrar?

Dessa vez, Ricardinho não disse nada. Cair de novo na mesma armadilha seria burrice demais. Fosse quem fosse aquele sujeito, não conseguiria arrancar mais nenhuma palavra dele. Voltou a pensar como seria bom virar super-herói, ou passarinho, ou estátua, mas reconheceu uma coisa: o medo não era mais tão forte. Teve certeza disso ao ver que seu corpo havia parado de tremer, embora o homem, agora quase encostado na cama, estivesse sorrindo e recomendando:

— Pode ficar tranquilo. Eu vim aqui para ajudar.

Ricardinho esqueceu a promessa de ficar calado:

— Ajudar?

— E. Vim aqui para ver o que você quer.

— Para ver o que eu quero? Ei, o que você pensa que é? Meu anjo da guarda? Ou aquele gênio que sai da garrafa para atender desejos?

Quando o homem, ou anjo da guarda, ou gênio da garrafa começou a gargalhar, Ricardinho notou que até rindo ele era fanhoso. E, mesmo sem o auxílio de outro relâmpago, viu que ele era magro, alto e que seus olhos tinham uma cor diferente: amarela, ofuscantemente amarela.

Depois que parou de rir, o misterioso personagem comentou:

– Você é engraçado, sabia? E esperto.

– Esperto por quê? Eu adivinhei o que você é?

– Ah, agora você já está querendo ser esperto demais... A única coisa que você precisa saber é o que eu já disse: estou aqui para ver o que você quer. Tudo que você quiser eu posso conseguir para você.

– Você pensa que me engana? Eu sei que isto é um sonho e que vou acordar já, já.

– Você está desconfiando de mim, Ricardo?

Ao ouvir seu nome pronunciado por aquele estranho, Ricardinho começou a achar que ele talvez estivesse falando a verdade.

– O que você pode me dar? – ele quis saber.

– Tudo.

– Tudo???!!! Tudo o quê?

– O que você quiser, eu já disse.

Ricardinho pensou na garota da sua classe que ele estava louco para namorar e que não queria ser sua namorada.

– Você quer a Marise? – perguntou o homem, adivinhando o que Ricardinho ia dizer.

– Eu... Eu...

– Pode deixar comigo, que eu dou um jeito. É só isso que você quer?

– Bom, se você puder, eu acho que vou querer também...

Antes de completar a frase, Ricardinho ouviu:

– Já sei. Você quer também melhorar as notas de matemática e...

– E aprender a fazer poesia.

– Você não precisava falar. Eu já sabia. Vou dar um jeito nisso também. Mas você precisa ter confiança em mim. E força de vontade. Um pouco de paciência também é bom. Não adianta ficar querendo tudo ao mesmo tempo. Às vezes, você vai desanimar e pensar até em desistir. Mas pode confiar, porque vou estar sempre por perto, fazendo meus trabalhinhos para você.

– Mas por que você vai fazer isso tudo?

– Porque eu gosto de você.

– E você... não vai... pedir nada em troca? – quis saber Ricardinho, muito nervoso.

– A alma – respondeu o homem.

– O quê???!!! – gritou Ricardinho. – A alma?

– Calma, foi o que eu disse. Você entendeu errado. Calma. Você não vê que eu sou seu amigo?

– Amigo? Mas eu não sei nem o seu nome...

– Meu nome? Meu nome e...

No momento em que o homem, com sua voz fanhosa, disse o seu nome, um trovão ribombou ali perto e Ricardinho não ouviu direito.

– Tiago? – ele perguntou, pensando ter ouvido esse nome.

O homem deu então uma gargalhada e disse outra vez seu nome, que um novo trovão, fortíssimo, abafou. Nesse instante, Ricardinho foi sacudido por duas mãos nervosas.

– O que foi, filho? O que foi?

Abrindo os olhos, Ricardinho viu uma mulher curvada sobre ele.

– Mãe, o que... aconteceu?

– Eu é que pergunto, filho. Foi pesadelo outra vez? Eu acordei com você gritando. Vim correndo e você estava todo agitado, falando um nome.

– Era Tiago?

A mãe olhou bem para Ricardinho e disse:

– Tiago? Não, filho. O nome que você estava gritando era outro.

– Qual era?

– Era parecido com Tiago, mas não era Tiago.
– E qual era, então? – insistiu Ricardinho, já impaciente. – Por acaso era Di...? – ele perguntou, deixando a palavra incompleta, por medo de pronunciá-la.
– Não sei. Só sei que não era Tiago. Era Quiabo, Nabo, uma coisa assim.
– Quiabo? Nabo? Ah, isso não vale, mãe. Eu falei nome de gente...
– Ah, acho que agora eu lembrei. Era Beterrabo.
A brincadeira da mãe fez Ricardinho gargalhar:
– O quê? Beterrabo?
– E. Beterrabo. Eu tenho quase certeza.
– Eu estava achando que era Di... – começou a dizer Ricardinho, mas também dessa vez não acabou a palavra. Tremendo, ele puxou para cima o cobertor que, ao se deitar, tinha posto só até a altura dos joelhos.
– Está com frio, filhinho? – estranhou a mãe.
– Estou, mãe. Acho que é por causa da chuva.
– Chuva? Quem disse que está chovendo? Filho, eu já falei para você comer um pouco menos no jantar. Com o estômago cheio, ninguém consegue uma boa noite de sono. E tem outra coisa.
– Já sei, mãe. Eu não devo ficar vendo aqueles filmes de terror. E ou não é?
– Sabe que você é um garoto esperto?
– Já me falaram isso hoje – disse Ricardinho, antes de ajeitar o travesseiro para dormir de novo.
De repente, quando a mãe já estava saindo do quarto, ele insistiu:
– Tem certeza de que não era Di...?
– Acho que era, sim – ela interrompeu. – Di mesmo. Disparate.
– Disparate? – estranhou Ricardinho.
– E. Disparate. Sabe o que é disparate? É bobagem, besteira, coisa sem sentido. E agora tchau, que eu preciso dormir.

2 COMER OU NÃO COMER

Ao acordar, Ricardinho já não se lembrava do pesadelo. Sentindo a gostosura da manhã de setembro, começou a imaginar como seria maravilhoso se pudesse fazer um poema para expressar aquela alegria, aquele calor delicioso que agitava todo o seu corpo.
Cantando enquanto se ensaboava, acabou ficando no chuveiro mais tempo do que devia e, ao descer a escada do sobradinho, encontrou na cozinha o sorriso provocativo da mãe:
– Cada dia você se apronta mais rápido, hem, filho?
Ricardinho não respondeu, mas o pai engoliu rapidamente o pedaço de mamão que tinha posto na boca, para fazer a defesa dele:
– Pega leve, Vivi, pega leve.
Viviane não disse nada, mas o pai de Ricardinho sabia que, se ela dissesse, seria o seguinte:
– É por isso, Jéferson, que esse menino é assim.
Enquanto Ricardinho despejava suco de laranja no copo, a mãe abriu o microondas e pegou um sanduíche de queijo quentinho.
– Eu não vou querer, não, mãe – foi avisando Ricardinho, enchendo de suco de laranja outro copo, depois de beber o primeiro.
Viviane fingiu não ter ouvido e empurrou o prato com o sanduíche até a ponta da mesa onde estava o filho.
– Eu não vou querer mesmo, mãe. De manhãzinha eu não tenho fome, você sabe.

– Também, com o que você come à noite...

– Mãe, depois você fica nervosa quando eu digo que você vive pegando no meu pé. Mas você não dá uma folga. Se eu como de noite, você reclama. Se eu não como de manhã, também reclama... Qual é a sua?

– E uma questão de bom senso – respondeu Viviane. – Antes de dormir, não se deve comer muito. De manhã é diferente. A refeição matinal é a mais importante do dia.

– Sua mãe está certa – concordou Jéferson, apanhando outro pedaço de mamão e olhando gulosamente para o sanduíche que Ricardinho tinha recusado.

Viviane sorriu: era difícil manter a seriedade, com aquele homem brincalhão.

Depois de liquidar o mamão, Jéferson pegou um pedaço do sanduíche do filho e, mastigando com vontade, levantou-se da mesa para ir trabalhar. Ricardinho levantou-se também e perguntou:

– Você não está esquecendo nada, pai?

O pai enfiou a mão no bolso da calça e passou uma nota ao filho. Viviane balançou a cabeça, desanimada. Ricardinho tinha rejeitado o sanduíche preparado com carinho por ela, mas, com o dinheiro dado pelo pai, ia se empanturrar de batatas fritas e refrigerante na hora do recreio, na escola.

Jéferson e Ricardinho saíram ao mesmo tempo – o pai de carro, o filho a pé. A mãe, que só trabalhava à tarde, ficou um pouco no portão, fazendo tchauzinho. Antes de voltar para dentro de casa, suspirou de orgulho: de vez em quando tinha uma briguinha com eles, mas não trocaria aqueles dois por nenhum outro marido e nenhum outro filho no mundo.

3 MARISE E UM MISTÉRIO

Ricardinho foi pelo mesmo caminho de todos os dias. Estava atrasado, mas como sempre parou diante de uma casa grande, quase uma mansão, e passou a mão na cabeça de um saltitante poodle.

– E aí, Toquinho? Tudo bem? Não, morder não. Tchau, seu mal-educado. Um pouco mais adiante, havia uma praça cheia de árvores habitadas por dezenas de passarinhos. Um deles, depois de sacudir as penas orvalhadas, declarou seu nome:

– Bem-te-vi.

E logo outros, orgulhosos, se puseram também a dizer o que eram:

– Bem-te-vi, bem-te-vi, bem-te-vi.

Tentando imitar a voz aguda deles, Ricardinho também gritou seu nome:

– Ricardiii-nho, Ricardiii-nho, Ricardiii-nho.

Nada disso era novo para ele, mas nessa manhã de quase-primavera ele, por algum motivo, parecia estar muito mais sensível a tudo que o rodeava.

Ouvindo a algazarra dos pássaros, ele se empolgou mais do que se tivesse acabado de ver um gol do seu time numa decisão de campeonato.

Nunca havia se sentido daquele jeito. O que estava acontecendo? Tentou encontrar na memória alguma coisa que pudesse justificar aquela sensação estranha. Pensou, pensou e já estava desistindo de chegar a alguma conclusão quando se lembrou de uma imagem da manhã anterior, na escola: no meio da aula de história, Marise, uma garota de grandes olhos castanhos e nariz arrebitado que se sentava ao lado dele na classe, tinha perguntado se ele podia emprestar a régua.

Ricardinho emprestou a régua e não pensou mais naquilo. Era um fato comum, que não merecia atenção. Mas agora, vinte e quatro horas depois, ao recordar

a cena, ele se fixou num detalhe que lhe provocou um arrepio. Era capaz de jurar que, ao fazer o pedido, Marise tinha sorrido de um jeito diferente para ele. E, lembrando-se melhor da cena, podia até apostar que conhecia a razão daquele sorriso. Tinha quase certeza de que, ao pegar a régua dele, Marise segurava na outra mão um objeto: a régua dela.

Nesse ponto de suas lembranças, a intensidade do arrepio que Ricardinho sentia estava multiplicada por dez, por cem, por mil. Como ele podia ter deixado de notar aqueles lances todos?

Se Marise estava com uma régua na mão e tinha, com aquele sorriso especial, pedido a dele, ele só poderia achar, se fosse inteligente, que aquela era uma forma muito clara de ela dizer que estava querendo quebrar o gelo.

Fazia um mês que Marise tinha vindo para o colégio, transferida da escola do bairro onde morava antes, e ainda estava se adaptando à mudança. Meio estranha e também um pouco tímida, só havia feito amizade com Adriana, o que era a coisa mais fácil do mundo. Adriana era uma japonesinha amável, sorridente, interessada em muitas coisas, mas principalmente em duas: arranjar amigos e conservar a amizade deles.

Logo no começo, Ricardinho tinha tentado se aproximar de Marise. Sorria, puxava conversa, oferecia ajuda para os trabalhos escolares. Mas ela, quando muito, sorria para Ricardinho, sem entusiasmo. Não trocava mais do que quatro ou cinco palavrinhas com ele e não aceitava suas ofertas de ajuda.

Outros garotos da classe também tentaram fazer amizade com Marise, porque ela era muito bonita, mas o resultado foi o mesmo: nenhum. Podia até parecer cisma contra os rapazes, mas não era. As garotas, com exceção de Adriana, também não conseguiam entrar no mundo de Marise.

Ao se lembrar de tudo isso, Ricardinho teve vontade de se esmurrar. Era o que merecia um burro como ele. Depois de um mês, aquela fada, aquele anjo, aquela criatura maravilhosa reconhecia o charme dele, praticamente se jogava nos seus braços, e ele fazia o quê? Nem notava.

— Sou um panaca — ele resmungou, sentindo, enquanto se apressava para não chegar depois do sinal, que estava definitivamente, irremediavelmente, deliciosamente apaixonado. Se a mãe soubesse, ia dizer que ele era criança demais para estar sentindo aquilo.

— Criança nada — ele respondeu, como se ela estivesse ali, falando com ele. — Vou fazer onze em janeiro.

Já perto do colégio, ele apressou o passo, pensando em Marise e em outra coisa: desde o começo de agosto, o professor Carlos, de português, vinha prometendo uma surpresa e, na véspera, ele tinha anunciado que no dia seguinte, finalmente, os alunos iam ficar sabendo o que era. Em todo aquele tempo, quando os alunos pediam que ele desse pelo menos uma dica, ele só dizia:

— Vai ser uma grande notícia, um prêmio para vocês.

— Prêmio? Que prêmio? — perguntavam os meninos e as meninas. Mas ele não abria o jogo. Só repetia:

— Logo vocês vão saber, logo vocês vão saber.

— Por que o senhor não conta já?

— Porque aí não ia ser mais surpresa, ora.
— Ah, professor—queixavam-se os alunos, impacientes.
— Calma, pessoal. Quando o dia chegar, —~ todos saberão. O que eu posso dizer, por enquanto, é o seguinte: alguém aqui vai ficar famoso, muito famoso.
Lembrando que dali a pouco o mistério ia ser resolvido, Ricardinho achou que correr era melhor do que andar depressa. E foi o que ele fez.

4 UM CASAMENTO NA AULA

A primeira coisa que Ricardinho fez, depois de entrar na sala de aula e se sentar ao lado de Marise, foi olhar para ela. A segunda, olhar de novo. A terceira, olhar mais uma vez. Em nenhuma delas seu olhar cheio de apelos e de amor foi retribuído. Marise parecia não ter notado a chegada dele. Para se consolar, Ricardinho logo achou uma explicação para aquilo: ela, como todos ali, estava tão ansiosa para saber qual era a surpresa prometida pelo professor Carlos que não tinha cabeça para pensar em mais nada.

Quando o professor Carlos chegou, foi recebido por vozes vindas de todos os cantos da classe:

— E aí, professor?

— Cadê a surpresa?

— E. Cadê?

A decepção foi geral quando ele perguntou:

— Ei! Ei! Onde vocês pensam que estão? Isto aqui não é um campo de futebol, gente! Silêncio, por favor.

Quando o barulho diminuiu, ele pediu:

— Abram o livro na página trinta e dois. Hoje vamos estudar a crase.

O espanto ameaçou transformar-se em novo tumulto:

— Mas, professor!

— E a surpresa?

— O senhor disse que hoje...

Como um maestro, o professor agitou as mãos, para que os alunos se calassem, e disse:

— Eu vou cumprir a minha promessa, mas só no fim da aula.

Ouviram-se alguns resmungos. Depois, aos poucos, os alunos foram abrindo o livro na página trinta e dois e o professor Carlos começou:

— Crase, gente, não é nenhum bicho-de-sete-cabeças. Crase, como vocês estão vendo aí, é simplesmente a união da preposição "a" com o artigo definido "a".

Com sua imaginação de apaixonado e de poeta-aprendiz, Ricardinho achou maravilhosa a explicação. E sentiu-se como um artigo definido. Marise, claro, era uma preposição. Os dois se uniam, iam morar no Palácio da Gramática e eram felizes até o fim dos tempos.

Sorriu. Ele, que ultimamente vinha lendo alguns romances juvenis, precisava admitir que era uma história meio comum aquela que havia imaginado, mas gostou dela. Gostou tanto que aceitaria até trocar o palácio por uma boa casa. Se tivesse piscina, tudo bem. Se não tivesse, ele não ia se queixar.

Estava assim, deixando a fantasia correr livre, quando foi chamado à realidade:

— Entendeu o que eu disse, Ricardo?

Apanhado no meio dos seus sonhos, Ricardinho deu uma resposta que fez a classe toda, até Marise, olhar para ele:

– Entendi, professor. A crase é o casamento de um artigo com uma preposição.
Depois da gargalhada geral, o professor corrigiu:
– Eu disse união, Ricardo. Não disse casamento.
Isso magoou um pouco Ricardinho. E o seu protesto veio na hora:
– Puxa, professor. Qual é? Pra que é que a gente estuda sinônimos, se não pode usar?
Houve um silêncio de admiração. Todos temiam uma resposta dura do professor. Mas, em vez de raios e trovões, veio uma frase amável:
– É, Ricardo. Sabe que nesse caso você tem razão?
Aproveitando o instante de glória, Ricardinho olhou para o lado, cheio de esperança. Mas não viu o sorriso que esperava encontrar no rosto de Marise.

5 - CONITE PARA O SUCESSO

A decepção de Ricardinho com a indiferença de Marise foi grande e ele ficou de cara emburrada até o momento em que, já na metade da aula, te de dezenas de olhos arregalados, finalmente o professor parou de falar sobre a crase e, diante de dezenas de olhos arregalados, finalmente anunciou:
– Agora chegou a hora da surpresa. Vocês estão prontos? Um murmúrio de impaciência se espalhou pela sala. O professor fez uma pausa, pigarreou três ou quatro vezes, para aumentar a expectativa, e disse:
– No dia vinte e dois, vocês farão o favor de me entregar uma redação, que valerá pontos para a nota deste bimestre e...
Sua frase foi cortada por um ruidoso e longo oh de desapontamento. Em seguida, começaram os protestos:
– Ah, essa não!
– Redação é surpresa?
– Eu não acredito.
– É brincadeira.
Pedindo silêncio, o professor perguntou:
– Ei, ei, onde vocês pensam que estão? Isto aqui é uma escola, lembram? Se vocês me deixarem falar, eu agradeço. Ou, se vocês preferirem, eu encerro a aula e pronto. Posso continuar?
Alguém ainda resmungou no fundo, quando ele disse:
– Como eu estava tentando explicar, no dia vinte e dois vocês me farão o favor de entregar uma redação, a mais caprichada que vocês puderem, que valerá pontos para a nota do bimestre.
Entenderam? 1
– Mas, professor – disse uma garota –, hoje já é dia onze e... 1
– ... o tempo é pouco, professor – completou o menino. se sentava ao lado da garota. – Nós temos um monte de lhos para fazer em outras matérias.
– Quer dizer, então, que meus pobres alunos estão cansados
– disse o professor, com ironia – e acham dez dias pouco tempo para fazer uma redação... E isso?
– Depende do tema, não é, professor? – arriscou um aluno no fundo da sala. – Se precisar fazer pesquisa, vai ser difícil.

– Você tem razão, Herman. Vocês viram? O Herman, com o espírito prático que herdou dos antepassados alemães, matou a charada. Seria difícil se vocês precisassem pesquisar. Mas vocês não vão precisar fazer isso. Eu só vou querer que vocês, no dia vinte e dois, me tragam vinte boas linhas sobre um tema que vocês mesmos vão escolher. E ou não é uma moleza?

– Não – responderam várias vozes.

O professor fingiu não ter ouvido e continuou:

– Espero que vocês caprichem como jamais vocês capricharam em nenhuma outra redação, não só pela nota, mas por outra coisa. E é aqui que entra a surpresa que prometi e vocês ainda não me deixaram dizer qual é. Todos prenderam a respiração. Depois de mais três ou quatro pigarros que pareceram ter durado uma eternidade, o professor prosseguiu:

– Eu tenho um amigo que trabalha lá no jornal Notícias Mundiais, vocês conhecem?

– O seu amigo, professor? – perguntou uma garota, provocando risos abafados.

– O jornal – respondeu ele em tom sério, pensando que a garota estivesse querendo brincar com ele. – O Notícias Mundiais é um jornal novo, que traz uma parte internacional completa, uma parte nacional muito boa e está querendo introduzir umas novidades interessantes. Uma delas vai ser a crônica diária, que...

– Professor.

A japonesinha Adriana estava com a mão levantada.

– Pode dizer, Adriana.

– O jornal que o meu pai compra tem crônicas. O senhor disse que as crônicas vão ser uma novidade no jornal do seu amigo...

– Eu já vou explicar, Adriana. As crônicas do jornal que seu pai lê são escritas por cronistas profissionais. As crônicas que o Notícias Mundiais vai começar a publicar serão feitas por pessoas famosas de várias atividades, mas que nunca escreveram para jornal, e também por gente comum, como eu e vocês.

– Nós?

– É. Vocês. A surpresa que vocês estavam esperando era exatamente esta: ainda não sei quem vai ser, mas neste momento estou diante de alguém que vai ficar famoso por publicar uma crônica no jornal.

– Mas como vai ser isso? – quis saber Ricardinho, entusiasmado.

– É simples. Meu amigo que trabalha no jornal já conversou com uma porção de pessoas de várias profissões para elas mandarem textos sobre fatos interessantes e curiosos acontecidos com elas. O ator vai falar dos seus trabalhos na tevê; a modelo, dos seus desfiles; o alfaiate, dos seus ternos; o professor, dos seus alunos; os alunos, da sua escola, e assim por diante. Pode ser isso, um texto falando sobre uma experiência, e pode ser também um assunto inventado. O que meu amigo quer é provar que a crônica é uma coisa do povo, sem mistério. É mais ou menos o que a gente aqui chama de história e o que o pessoal do Interior costuma chamar de causo. Entenderam?

– É.

– Não é caso?

– E a mesma coisa. A principal diferença é que o causo tem umas situações mais engraçadas. Hoje o tempo está acabando, mas na próxima aula, se vocês quiserem, eu falo um pouco mais sobre isso e sobre alguns

grandes cronistas brasileiros: Rubem Braga, Fernando Sabino, Lourenço Diaféria, Marcos Rey, Paulo Mendes Campos e...

Ricardinho, ansioso, entrou no meio da frase do professor:

— Quer dizer, então, que os nossos textos serão publicados no jornal?

— Ei, calma, calma, Ricardo. Não é bem assim. Meu amigo prometeu publicar o melhor trabalho. O melhor! Por isso é que vocês vão ter de caprichar. Ninguém aqui vai querer me envergonhar, vai?

Alguns alunos disseram "não", outros fizeram "não~~ com a cabeça.

Entusiasmado, o professor pediu:

— Não esqueçam, então. Vinte boas linhas para o dia vinte e dois, valendo a nota e o caminho aberto para a glória literária. O tema, vocês escolhem.

O sinal para a segunda aula tocou e ele saiu, deixando a classe alvoroçada. Alguns garotos e garotas ali já se sentiam novos astros da literatura e se imaginavam vivendo um futuro cheio de sucesso, dando autógrafos em bienais do livro e entrevistas na televisão.

6 - UMA ARMADILHA

No intervalo entre a primeira e a segunda aula, no meio de entusiásticos comentários sobre a redação proposta pelo professor Carlos, Ricardinho tentou outra vez fazer Marise notar que ele estava lá. Mas ela parecia mais distante do que nunca. Com o rosto virado para trás, conversava com Adriana e não olhou nem uma vez para ele.

Ricardinho já estava quase convencido de que o episódio da régua, na véspera, não tinha passado de uma molecagem da sua imaginação. Devia ter desconfiado dela. Ultimamente ele a vinha alimentando com grandes doses de fantasia, extraídas de apaixonantes livros de aventura e poesia. Tinha se envolvido tanto na leitura deles, tinha se empolgado tanto com os lances de heroísmo dos personagens e com suas conquistas amorosas, que talvez já estivesse confundindo a ficção com a realidade.

Quando Marise acabou a conversa com Adriana, ele, para chamar a atenção dela, fez uma aproximação ridícula, que nenhum dos seus heróis aprovaria. Pôs-lhe o dedo no braço e perguntou:

— Você quer a régua?

Marise franziu a testa.

— A régua???

— É. Você pediu ontem, lembra?

— Lembro. Mas isso foi ontem. Você emprestou e eu devolvi não foi?

Parecia um diálogo de malucos, por culpa de Ricardinho. Ele sabia, agora, que tinha mesmo sido enganado por sua imaginação. Sentindo isso, antes que Marise resolvesse chamar alguém para colocá-lo em uma camisa-de-força e mandá-lo direto para o hospício, ele pediu:

— Pode esquecer. Foi bobeira minha. Foi só um jeito que eu achei de... de falar com você.

Marise fechou a cara e desviou os olhos do olhar de Ricardinho. Ele estava pensando em algum truque melhor para reiniciar a conversa quando o professor Édson, de matemática, entrou para a segunda aula do dia. A classe ficou instantaneamente em silêncio, porque aquele era o mais severo de todos os professores do colégio. Não admitia indisciplina, de jeito nenhum, e era famoso também pelas notas baixas que dava. Receber um elogio dele era, para os alunos, como ganhar um Oscar.

Seu rigor era tão grande que, verdadeira ou não, corria uma história sobre ele. Comentava-se que, em outra escola, ele tinha reprovado uma sobrinha. Havia enorme curiosidade sobre esse episódio, mas ninguém tinha coragem de perguntar nada ao professor.

Ricardinho estava precisando de nota em matemática. Ele não se dava muito bem com os números. Estudava, estudava e estudava para as provas, e, quando achava que ia arrasar, melhorava só um pouco ou continuava na mesma.

Com a aproximação do fim do ano, sua preocupação era cada vez maior. Não podia perder mais nenhuma oportunidade de melhorar as notas. Por isso, ele ficou todo arrepiado quando o professor Édson, depois de dar bom-dia, anunciou:

— Como nós já estamos bem adiantados com o currículo, quero ver se vocês aprenderam o que eu ensinei neste mês. Vamos fazer uma miniprova com quatro questões. Cada uma valerá meio ponto. Assim, quem acertar as quatro completará dois pontos, que serão somados à nota do bimestre. Quem acertar três terá um ponto e meio, e assim por diante. Mas, se alguém errar as quatro, não vai ganhar ponto nenhum e ainda por cima vai ter um ponto descontado da nota bimestral. Isso, naturalmente, se tiver algum ponto na nota... Tudo bem?

Para Ricardinho e muitos outros, quase a maioria, não estava nada bem. Aquela prova, marcada de surpresa, em cima da hora, parecia uma armadilha do professor para baixar a nota de todos.

Só os seis ou sete alunos que já estavam com a aprovação quase garantida ficaram tranquilos. Os demais, de cara amarrada, mas sem ousadia para abrir a boca e reclamar, se olhavam como se dissessem: "Só faltava esta pra nós, hem?". Pegaram a caneta e esperaram o professor ditar as questões.

7- UM CONSELHO INFERNAL

O professor Édson começou a ditar as questões, cada uma delas Ricardinho se sentia mais aliviado.

Era incrível, mas ele achava que podia resolver as três primeiras sem dificuldade. A última, não.

— Essa eu não acerto nem se me derem mil anos de prazo — ele resmungou. Outras vozes, baixas, concordaram com ele. Aquela quarta questão parecia mesmo um terror. Olhando para o lado, ele viu Marise com cara de mártir. — Ai, meu Deus — ela suspirou.

Ricardinho concentrou-se nas três que sabia e, dez minutos antes de acabar o horário da aula, exibiu um sorriso de vencedor. Tinha certeza de que suas respostas estavam corretas. Ia entregar a prova, com a quarta questão em branco, quando um tipo muito estranho, magro, alto, de bigodinho e com uma ponta de barba ridícula, entrou na classe.

Ricardinho ficou olhando para ele, fascinado. Tinha a impressão de conhecer aquele sujeito. Mas de onde? Ele parecia um personagem saído de um sonho. Enquanto dava umas sacudidas na memória, para fazer a preguiçosa trabalhar, o extravagante personagem atravessou toda a sala, sem ser visto por mais ninguém, aproximou-se de Ricardinho e cochichou algumas palavras no ouvido dele.

Depois, atravessou de novo a sala e caminhou para a porta. Antes de passar por ela sem abri-la, fez sinal de positivo para Ricardinho, com o polegar. Seus olhos lançavam faíscas amarelas, mas Ricardinho, estranhamente, não sentiu medo. Sorriu e acenou para ele, despedindo-se.

Então, pegou de novo a caneta e, subitamente inspirado, como se tivesse descido sobre ele o espírito de algum grande poeta, escreveu quatro versos no espaço reservado para a resposta da última pergunta.

Assim que pôs o ponto-final, foi assaltado pelo arrependimento e pelo pavor. O que no começo tinha parecido uma grande idéia era agora, ele sabia, a pior burrada da sua vida. Qualquer outro professor poderia até achar simpáticos os versinhos, mas aquele... Aquele nunca ia aceitar aquilo.

Pensou em passar a caneta sobre os versos, ou a borracha, mas ia ficar uma droga e a prova podia até ser anulada. Foi o último a entregar a folha e saiu da sala quase correndo, como um bandido, com medo de ser chamado pelo professor para explicar como tinha se atrevido a escrever aquela besteira.

No recreio, chegou a se esquecer por alguns momentos de Marise. Estava dominado pelo terror. A todo instante, imaginava o pito que levaria do professor no dia em que ele fosse dar as notas em classe e comentar a prova. Já ouvia até as gargalhadas dos outros alunos e os comentários deles:

"Mas que palhaço esse Ricardinho, hem?"

"É. O que ele pensa que é?"

"Poeta."

"Poeta? Quá-quá-quá."

"É. Poeta. Quá-quá-quá."

"Vai ver que foi ele quem escreveu aquela poesia da batatinha."

"Batatinha?"

"É. Aquela que diz assim: batatinha quando nasce esparrama pelo chão, menininha quando dorme põe a mão no coração."

"Quá-quá-quá. Acho que é ele o autor dessa aí, sim."

Ia acontecer isso tudo, ele sabia, e era o que ele estava merecendo por ficar dando corda à imaginação. A culpa ia ser dele, só dele. Quem ia acreditar na história do sujeito de bigodinho e cavanhaque, se nem ele estava mais acreditando?

Faltando cinco minutos para acabar o recreio, sentiu o estômago reclamar de fome, e só aí percebeu que não tinha nem se lembrado de comprar o lanche na cantina. Estava indo para lá quando sua atenção foi atraída por um riso solto, gostoso. Quase

caiu de costas, com a surpresa. O riso era da tímida Marise, que conversava num canto do pátio com Adriana e com Eduardo, um garoto que parecia não ir muito com a cara de Ricardinho.

Depois disso, Ricardinho perdeu até a fome. Porque não era para Adriana que Marise estava rindo. Era para Eduardo. Passoulhe pela cabeça uma frase sobre a força de vontade que devia ter quem quisesse conseguir alguma coisa na vida. Não lembrava se tinha lido ou ouvido aquilo, mas pensou que falar em ter força de vontade era fácil. Difícil era ter força de vontade.

8 - O GOSTO AMARGO DO CIÚME

Se perguntassem a Ricardinho o que tinha acontecido nas duas últimas aulas, ele não conseguiria dizer. Não se lembrava de nada. Era como se tivesse dormido o tempo inteiro. Não sabia de que assuntos os professores de história e geografia tinham falado, nem se haviam marcado provas.

Talvez não soubesse nem dizer se os professores tinham estado na sala de aula. A ousadia dos versinhos na miniprova de matemática e o riso

escancarado de Marise para Eduardo no pátio eram duas bombas zunindo no seu cérebro.

Ainda atordoado por esse zunido, ele saiu da escola sem falar com ninguém e de repente, sem nem perceber como, estava passando pela praça sem dar atenção aos passarinhos que o chamavam. Depois, atravessou a rua e não notou que na outra calçada o cachorro Toquinho, decepcionado, latia para ele, pedindo um agrado. Quando foi ver, já estava em casa, onde a mãe tinha feito o almoço e se preparava para ir trabalhar. Assim que pôs os olhos no filho, ela sentiu que alguma coisa estava errada.

– Algum problema, filho? – ela perguntou, preocupada.

Ricardinho não respondeu. Jogou a mochila escolar em uma poltrona da sala, sentou-se em outra e ligou a tevê a todo o volume, embora seu olhar estivesse fixado no teto.

A mãe insistiu:

– Algum problema, filho? O que aconteceu?

– Nada, mãe.

Viviane pôs a mão no ombro dele:

– Olhe, filho, eu já estou atrasada e vou acabar perdendo a hora se você não falar logo comigo.

– Você não viu que eu estou cansado?

– Eu juro que não entendo. Se eu não falo com você, você se queixa da falta de diálogo. Mas, quando eu quero falar com você, você se fecha todo. Você acha que isso está certo?

– Não, mãe.

– Então por que você não me diz logo o que está acontecendo?

– Não está acontecendo nada, mãe. Eu só não estou muito legal. É só isso.

– Que você não está legal eu já vi. Eu não sou burra. O que eu quero saber é por que você está assim. Se for preciso, eu não vou nem trabalhar hoje, mas não saio daqui enquanto você não contar qual é o seu problema.

9 - A LUTA DO SÉCULO

Ricardinho ainda resistiu mais um pouco, mas a mãe acabou descobrindo pelo menos meia verdade. Sobre Marise ele não disse nada. Contou apenas o que tinha feito na miniprova de matemática. Viviane sorriu:

– Filho, eu não estou compreendendo esse seu medo. Se os versos que você escreveu são esses que você me disse, não vejo problema nenhum. São versos simpáticos, até. Como é que você teve essa idéia?

– Foi o... – começou a dizer Ricardinho, mas de repente parou.

– O que é, filho?

– Mãe, esta noite você me acordou?

Viviane olhou para ele com espanto:

– Você está brincando comigo?

– Não, mãe.

– Você não lembra do pesadelo de ontem, de nada?

– Pesadelo?

– E – sorriu Viviane. – Parece que você andou sonhando com um sujeito esquisito, sei lá.

– Eu falei como ele era? Se ele era alto, se ele...

– Não, filho. Você falou só um nome.

- Nome? Que nome?
- Eu não lembro. Beterrabo, parece.
- Ah, mãe, não dá pra falar com você. Você está me gozando.
- Não estou, não. Nós estávamos falando da prova de matemática e você veio com essa história de pesadelo. Que culpa eu tenho?
- Eu acho que aquele cara hoje lá na escola era o... – disse Ricardinho em voz baixa, sem completar a frase.
- Que cara?
- O cara que apareceu na aula de matemática.
- Filho, você pegou muito sol na cabeça? Você está tão estranho...
- Esquece, mãe, é tudo besteira.
- Ah, eu não aprendo. Você é igual ao seu pai. Às vezes vocês são tão cheios de mistérios...
- Você acha, mãe, que o professor vai ficar zangado comigo?
- Eu já disse que não. Ficar zangado por causa de uns versinhos?
- A senhora diz isso porque não conhece o professor Édson.
- Filho, o que você acha que ele pode fazer com você?
- Sei lá. Pode não me dar nenhum ponto na prova.
- Mas você não disse que acertou três questões?
- Acertei.
- Como, então, ele vai fazer isso? Ele é um professor. E um professor não pode ser injusto, filho.
- Mas ele dá muito valor à disciplina, mãe. Sempre diz que a disciplina é tudo. Ele pode dar zero por causa dos versinhos. Pode até me suspender.
- Se ele fizer isso, eu prometo uma coisa. Vou até a escola e armo o maior barraco lá.
- Sério, mãe?
- Você duvida?

Depois disso, Ricardinho ficou um pouco menos tenso. Desligou a tevê e foi para a cozinha. O cheiro do feijão atíçou sua fome, e ele resolveu esquecer por algum tempo seus problemas. A mãe saiu atrasadíssima, mas satisfeita. Fazia tempo que não recebia um abraço tão gostoso do filho. Ele estava encantado com o apoio dela e tentava imaginar como seria o encontro entre o SuperÉdson e a Super-Mamãe. Ia ser a luta do século. Só aí se lembrou de que não tinha dito nada à mãe sobre a redação pedida pelo professor Carlos. Era uma mania que ele tinha e precisava perder: as preocupações acabavam sempre sufocando as coisas boas.

10 - UMA GRANDE IDÉIA

Ricardinho comeu bem, repetiu o prato e foi para a sala. Pensou em jogar uma partida de vídeo-gueime ou em navegar um pouco pela Internet, mas foi vencido pela preguiça. Ligou a tevê, mas não chegou a ver nenhum programa. Pegou no sono e só acordou uma hora e meia depois. Sentia-se bem, quase feliz. Tudo de repente lhe parecia simples: venceria o concurso de crônicas, viraria uma fera em matemática, passaria de ano com um pé nas costas e ganharia o coração de Marise.

De todos esses desafios, o menos difícil, na sua idéia, era escrever a crônica vitoriosa. Por isso, ele começou a pensar nos outros. Precisava enfiar duas idéias na cabeça.

A primeira era esquecer a miniprova, o professor Édson, os versinhos soprados por aquele tipo estranho, que só podia ser obra de sua imaginação, e começar a estudar matemática como um cê- dê-efe, para não levar bomba.

A segunda era não desanimar de jeito nenhum, se quisesse mesmo conquistar Marise. Se Eduardo, aquele pateta, havia arranjado uma forma de se aproximar dela, ele seria muito burro, muito idiota, muito cretino se não arranjasse uma também.

— Eu vou conseguir, eu vou conseguir — ele repetiu e, com novo ânimo, abriu a mochila escolar e pegou o livro de matemática. A partir daquele momento, ia dedicar pelo menos três horas de suas tardes ao estudo — duas delas à matemática. Até o fim do ano seria um fenômeno escolar, invejado por todos, passaria sem susto e teria tempo de pensar só nas férias e, lógico, em Marise.

Marise? O nome da amada deu-lhe uma inspiração. Para vencer Eduardo, precisaria ser mais esperto do que ele. Lembrou-se então de uma frase: matar dois coelhos com uma só cajadada.

— Por que você não pensou nisso antes, seu animal? —ele perguntou, como se fosse outra pessoa e estivesse ali conversando com um menino chamado Ricardinho.

Sorrindo, apanhou na agenda o telefone de Adriana e ligou.

— Oi, quem é? Ricardinho? Que surpresa — ela exclamou.

— Eu estava querendo telefonar pra você faz tempo.

— Ah, é? Que bom!

— Sabe o que é, Adri? Eu quero saber a sua opinião sobre uma idéia que eu tive. Eu acho que nós podíamos formar um grupinho de estudos. O fim do ano está chegando e...

— Sabe que eu estava pensando nisso também? Sozinha, eu sou muito malandra. Digo que vou estudar duas horas, baixo pra uma e, dez minutos depois, já estou parando. Começo a bocejar, bocejar e...

— Eu também. Foi por isso que eu tive essa idéia.

— É uma boa. Eu topo.

— Eu ponho a minha casa à disposição. A gente pode começar amanhã, se você quiser. Quem nós podemos convidar? Acho que... Eu estava pensando... Você podia chamar a Marise.

— Claro. Eu vou falar com ela. E vou ver se mais alguém quer.

— E será que a Marise...

— Acho que ela vai topa, sim. Eu só não concordo com uma coisa.

Ricardinho ficou preocupado. Será que ia aparecer alguma coisa para atrapalhar seu plano?

—O que é?

— Tem de ser um dia na casa de cada um. Assim a sua mãe não reclama. E eu quero que você prove a pipoquinha doce que eu aprendi a fazer. Tudo bem?

— Tudo. Se você e a Marise quiserem, podem vir já hoje. Eu não vou sair daqui. Já estou até com o livro aberto.

— Ah, é? Livro de quê?

— De matemática.

Houve uma pausa de uns três segundos. Depois, Ricardinho ouviu um som agudo:

— Iiihhh!

— Já vi que você também não gosta — ele comentou.

— Até gosto, quando eu entendo a matéria. Mas quase nunca eu entendo. Acho muito difícil.

— Pode pôr difícil nisso. Você está precisando de nota?

— O que você acha?

— E a Marise?

— Ela também. Ela não se dá muito bem com a matemática.

—Ah, é?

– E. Mas ela também não é muito amiga de português e de história. Acho que o colégio antigo dela não deu muita base, sabe como é? Ou então é ela que é meio preguiçosa, não sei. Mas acho que é mais em matemática que ela precisa de nota.

– Então. O negócio é a gente se juntar e enfrentar a fera. Matemática, os seus dias estão contados! De zero a dez, sabe quais são as suas chances de ganhar de nós, matemática? Zero!

Adriana riu:

– Às vezes você diz umas coisas tão engraçadas...

– Você não está me chamando de palhaço, está?

Adriana riu mais ainda:

– Você é demais.

– Você ainda não viu nada. Quando você e a Marise vierem, vou contar umas piadas que eu inventei. Vocês vêm hoje?

– Nossa! Calma! Que vontade de estudar, hem? Primeiro eu preciso ligar pra ela. Daqui a pouco eu dou um alô pra você. Você não vai convidar mais ninguém?

– Não sei. Vou pensar. Acho que com três o grupo fica bom. Mais do que isso pode bagunçar.

– E. Se a gente quer estudar mesmo... Bom, vou falar com a Marise e depois eu ligo. Tchau.

11 – NÃO. TUDO MENOS ISTO!

Ricardinho viveu meia hora de pura ansiedade. Por que o telefone não tocava? Tentava concentrar-se no livro, mas a todo momento se levantava da poltrona e se punha a andar de um lado para o outro, pela sala.

Estava no meio da vigésima ou trigésima caminhada quando ouviu a campainha. Olhou pela janela. Eram Adriana e Marise. Que doida, aquela japonesinha! Ela não tinha prometido avisar?

Como Marise estava linda! Precisou se controlar para não ir correndo atender. Seu coração pulava no peito como um cavalo enlouquecido.

Abriu o portão. Adriana estava sorridente, e Marise – que milagre! – parecia um pouco menos inibida.

– Vamos entrando.

– Ricardinho, eu tenho uma surpresa pra você – avisou Adriana.

– Ah, é? Que surpresa?

– Espere um pouco. Você já vai ver.

Ela deu uma corridinha até a esquina. Cinco segundos depois, estava de volta.

– Está aqui a surpresa.

Ricardinho lamentou não ser um cachorro. Tinha vontade de rosnar, de latir, de morder. Ao lado de Adriana estava quem? Eduardo.

– Quando eu telefonei pra Marise, ela contou que o Eduardo estava lá estudando com ela. Então eu disse que ele podia vir também. E uma boa, não é?

– Claro – mentiu Ricardinho, segurando-se para não pular no pescoço do rival. Estava morto de ciúme.

Eduardo sorriu.

– Oi, Ricardinho. E aí? Beleza? Eu estava olhando aquela pichação ali. Que cara maluco, hem?'

– Maluco mesmo – concordou Ricardinho, enquanto Marise e Adriana iam ver do que eles estavam falando.

No muro, alguém tinha escrito, em letras maiúsculas:

"Eu sou eu

Embaixo, vinha a assinatura, caprichada:

"Eu

Adriana disse que o autor da frase não era maluco, era idiota, e os quatro riram com gosto, antes de entrar.

Falaram um pouco sobre a crônica – Eduardo disse que já tinha escolhido o assunto – e depois estudaram uma hora, mais ou menos. Mas Ricardinho não aprendeu nada. Não conseguia pensar em coisa nenhuma, vendo Marise sorrir para Eduardo de meio em meio minuto. Como era duro fingir que não estava notando aquilo e ainda oferecer refrigerante e bolachinhas ao inimigo!

12. UMA REDAÇÃO CAPRICHADA

Os dias seguintes foram de alegria e tristeza para Ricardinho. Todas as tardes, no clubinho de estudos, nome que os quatro deram às suas reuniões, ele via com prazer Adriana, com emoção Marise e com irritação cada vez maior Eduardo. Adriana estava sempre sorrindo, Marise já falava mais desembaraçadamente com ele, embora falasse mais desembaraçadamente ainda com Eduardo, e Eduardo vinha, instante a instante, confirmando o que Ricardinho pensava dele: era um chato e um convencidão. Vivia dizendo que era bom nisto, ótimo nisso, o máximo naquilo. Sua redação ia ser sensacional, ele garantia, e dizia que tinha dois assuntos tão bons que estava até pensando em pedir ao professor para participar do concurso com duas crônicas. Não se cansava de contar vantagens e, toda vez que contava uma, era observado com admiração por Marise. Só faltava ela dar pulinhos, de satisfação. Um dia, Ricardinho não se agüentou e disse a ela, com ironia:

– Você já viu um cara mais bacana do que o Eduardo?

– Não – respondeu ela, sem perceber o despeito dele e abrindo mais um sorriso para Eduardo. – O Edu é demais.

Essa preferência de Marise por Eduardo enfurecia, mas não desanimava Ricardinho. Cada derrota era, para ele, um novo estímulo. Ele perdia, perdia, perdia, mas procurava disfarçar a decepção e às vezes, quando ficava sozinho, falava em voz alta:

– Eu vou virar esse jogo!

Quando pensava no assunto, e pensava sempre, comparava aquilo a uma maratona. Eduardo estava ganhando, mas faltavam muitos quilômetros. Haveria ainda várias batalhas entre os dois e, no fim, um só vencedor: ele, Ricardinho. Marise ia acabar descobrindo quem era o melhor dos dois. Uma das batalhas mais importantes era a redação que precisava ser entregue no dia 22. Toda noite, Ricardinho trabalhava nela, mudando aqui, mexendo ali, aperfeiçoando lá. No mínimo, no mínimo, precisaria ter nota superior à do rival, mesmo que fosse o penúltimo classificado e Eduardo o último. Eduardo continuava a dizer, com pose de vencedor do Prêmio Nobel de literatura, que estava escrevendo uma história empolgante e ia ganhar aquele concurso com um pé nas costas. Outros meninos e meninas diziam a mesma coisa, mas Ricardinho não achava que eles fossem arrogantes. Arrogante e insuportável, para ele, era só Eduardo.

O texto que Ricardinho estava concluindo se baseava num caso que o pai tinha contado uma vez a ele. Era a história de uma menininha espantada com a morte da avó. Talvez fosse um pouco triste, mas era muito bonita e capaz de agradar ao professor.

No dia vinte e um, véspera da entrega da redação, Ricardinho pôs o ponto-final nela e foi mostrá-la ao pai, para ver o que ele achava. O pai começou a ler e Ricardinho sentiu que ele estava gostando. Terminada a leitura, Jéferson abraçou o filho:

– Bom. Muito bom. Pode entregar sem medo. Você tem mais jeito para contar histórias do que eu, sabia? Parece até um amigo que eu tive no tempo em que morava lá em Itanhaém. Ele era o máximo nisso.

– Você acha que está bom mesmo, pai?

– Acho. E o seu professor vai achar também, você vai ver. Você já mostrou pra sua mãe?

– Já.

– E ela?

– Ela gostou, mas sabe como e...

– Sabe como é o quê?

– Ela às vezes até pega no meu pé, mas é só charminho. Ela gosta de mim e acha que eu sou bom em tudo.

Jéferson sorriu:

– E não é? Já que estamos falando de literatura, sua mãe me disse que você anda preocupado com uns versinhos. Eu não entendi direito. O que é? Ricardinho, que não gostava nem de lembrar aquela história, acabou contando tudo, com todos os detalhes, e ficou um pouco mais tranqüilo quando o pai comentou:

– Eu não vi nada de ofensivo nos versos. Nada mesmo. Por que você não me falou disso antes?

Mas, nos dias seguintes, Ricardinho voltou a sentir calafrios sempre que pensava no professor Édson. Em todas as aulas de matemática sofria, imaginando: "Será que é hoje que ele vai dar o resultado do trabalho? Parece que ele está olhando diferente pra mim. Por que eu fui cair na tentação de fazer aqueles versos?". Mas os dias passavam e o professor não entregava as provas. Era estranha aquela demora. Diziam que a mulher dele estava doente.

13 – O DIA DA DECISÃO

No dia vinte e nove, Ricardinho acordou cheio de esperança. O professor Carlos estava com as redações da classe fazia uma semana e tinha prometido o resultado para aquela manhã. Viviane sentiu a ansiedade do filho quando ele comeu, sem reclamar, o sanduíche de presunto e queijo e, depois de tomar dois copos de suco de laranja, perguntou se ela podia fazer mais um sanduíche caprichado.

Jéferson, que precisava chegar mais cedo ao trabalho e já estava de saída, se queixou:

– Que chato que eu preciso ir agora, Vivi. Se não, eu ia pedir para você fazer mais um para mim também.

– Você não quer levar um para ir comendo no caminho? –ela brincou.

Enquanto Ricardinho devorava o segundo sanduíche, a mãe perguntou:

– O que está acontecendo?

– Nada – ele respondeu, já se levantando da mesa, porque estava nervoso demais para falar sobre suas expectativas para aquele dia.

Mas, ao sair, já no portão, olhou para trás e perguntou:

– Você acha que eu vou ganhar, mãe?
– É hoje o resultado do trabalho de redação?
– É, mãe. Hoje.
– Meu Deus, como eu não lembrei? Que mãe relapsa eu estou ficando... Boa sorte, filho. Vou ficar torcendo por você.

Ricardinho não parou para dar bom-dia a Toquinho, nem conversou com os pássaros. Foi andando rápido e, enquanto se aproximava do colégio, sentiu o coração mais agitado. Tinha caprichado na redação como em nenhum outro trabalho para a escola e estava chegando a hora de mostrar a Marise, e principalmente ao presunçoso do Eduardo, o que ele era capaz de fazer. Entrou na classe e, esperando o professor Carlos, num instante achava insuportável a demora dele e, no instante seguinte, torcia para que ele faltasse, por medo do que ele ia dizer.

O professor chegou, com a pilha de redações nas mãos. Fez a chamada, tossiu para limpar a garganta e, sob grande ansiedade, anunciou:
– Agora, como prometi, vou entregar as redações, com as notas. Vamos lá. Alfredo Alves.

Alfredo, um ruivinho de cabelos espetados, levantou-se e foi até a mesa, enquanto o professor continuava:
– Ana Soares, Roberto Silva Galiardi, João Matos Schmidt. Mais depressa, pessoal, por favor.

Ricardinho estava confuso. Que ordem era aquela? Alfabética não era. Seria então por ordem de notas ou não havia ordem nenhuma?

O professor foi chamando mais e mais alunos. Chamou Adriana, Marise, Eduardo. Chamou todos, menos Ricardinho. Então fez uma longa pausa e pediu:
– Atenção. Quero agradecer a todos pelo esforço que fizeram para escrever uma boa história. De modo geral, este foi o melhor trabalho que vocês realizaram este ano. Meus parabéns.

Agoniado, Ricardinho já ia levantar a mão quando o professor Carlos disse:
– Agora, quero anunciar o vencedor, o aluno que fez a melhor redação, que será publicada no Notícias Mundiais, com foto do autor. O trabalho chama-se "A menina e a Morte", e o nome do autor é Ricardo Cordeiro da Luz. Todos olharam para Ricardinho, acanhadíssimo no seu momento de glória. O professor então sugeriu:
– Podem aplaudir. Ele merece. Ele escreveu até um pouco mais do que vinte linhas. E em letra miúda.

Uma salva de palmas ecoou na sala. Ricardinho não viu nos olhos de Eduardo a inveja que imaginava, mas também não viu o calor que esperava no sorriso de Marise.

Quando os aplausos terminaram, o professor pediu a Ricardinho:
– Se você me dá licença, eu gostaria agora de ler o trabalho para os seus colegas. Posso?

Sem voz para responder, Ricardinho concordou com um movimento de cabeça. O professor começou a leitura.

A MENINA E A MORTE

A menina tinha cinco anos quando, num almoço de família, ouviu o tio comentar que morrer era o destino de todas as pessoas no mundo. Seus olhos se arregalaram e o espanto cresceu quando a mãe concordou: morrer era o destino de todos. A menina foi então para o quintal e ficou ali por uma hora ou mais, sentada embaixo de uma árvore.

Talvez virasse estátua, se a mãe demorasse um pouco mais para ir procurá-la. O único sinal de vida que deu foi um suspiro, que as estátuas não costumam dar. As mães e a testa estavam geladas como amanhã de junho. Pegando-a no colo, a mãe correu para dentro de casa. No quarto, apanhou um casaco e o enfiou em cima do outro que ela já vestia. Depois, esfregou as mãos dela e disse:

- Filha, o que foi?

A resposta que veio foi um olhar triste.

Repetiu a pergunta:

- O que foi, filha? Por que você está assim?

Sacudiu a menina. Por que ela estava manhosa daquele jeito? Quando a menina começou a chorar, ela quis saber.

- Você está assim por causa da avó?

A menina soluçou e disse:

- Por causa de mim.

- Você está doente?

- Doente? Não. Eu vou morrer.

- Quem falou essa bobagem?

- Eu?

- É. Você falou.

- Eu nunca falei isso.

- Falou pro tio, hoje. Lembra?

Abraçando a filha com força, a mãe disse:

- Você não entendeu direito. Só os adultos morrem.

- Só o quê?

- Só gente grande.

A menina ficou pensando. Depois, perguntou:

- Só gente grande?

- Só.

- Jura?

- Juro.

Dali a um minuto, a menina já estava correndo de um lado para o outro, pulando e cantando. Correu, pulou e cantou até a noite. A família estranhou aquela alegria. Nem no dia em que foi ao circo a mãe e o pai tinham visto a filha tão contente. Ela continuou assim e não queria ir para o quarto, na hora de dormir. Estava com vontade de brincar mais. Mas, quando a mãe a levou para a cama, de repente ela perguntou, desconfiada:

- Eu não sou gente grande, sou?

- Não, filhinha, não é, não. Você é a pequenininha da mamãe.

A menina perguntou de novo se era gente grande e a mãe respondeu outra vez que não era. Mesmo assim a menina se encolheu toda e dormiu assim, fingindo ser menor do que era, para enganar a Morte.

15 - DEPOIS DA HISTÓRIA, OS VERSOS

O fim da leitura foi recebido com muitos aplausos. Enquanto Ricardinho, atordoado com a glória repentina, não sabia para onde olhar, o professor Carlos pediu:

- Ricardo, veja se você me traz uma foto amanhã, para o jornal. Eu já mandei uma cópia do texto para o meu amigo. Ele está com pressa. Quer publicar a história logo. Parabéns mais uma vez.

A aula terminou, e Ricardinho, respirando fundo, procurava repor os nervos no lugar. Os colegas falavam com ele, mas ele não era capaz de

dizer nada. Só sorria para todos. Estava zozinho e desconfiado, como se não fossem para ele aqueles elogios todos:

– Cara, você deu um banho em nos.

– Como você conseguiu escrever aquilo?

– Eu nunca vi história mais bonita.

Lembrou-se de um filme em que, logo depois de conseguir uma grande vitória, o herói sofria uma daquelas derrotas que fazem qualquer um querer desistir de tudo. Um filme era só um filme, ele pensou, mas a sensação de que podia lhe acontecer alguma coisa desagradável continuou forte. Estava assim, meio perdido, parecendo mais um bobo do que um herói, quando o professor Édson entrou para dar a aula de matemática e foi logo avisando:

– Hoje eu vou dar as notas da miniprova. Vocês devem estar ansiosos, não é mesmo?

Ricardinho teve vontade de se transformar num inseto e sair da sala. Não, filmes não eram só filmes: justamente na hora em que ele conseguia um triunfo maravilhoso, o destino resolvia armar para ele a pior derrota e, talvez, a maior humilhação da sua vida.

Como se tivesse adivinhado seu pensamento, o professor perguntou:

– É ou não é, Ricardo?

Atrapalhado, Ricardinho gaguejou:

– Eu ná... não... en... ten... di... a... a... per... gun... ta.

– Eu disse que vocês devem estar ansiosos para saber as notas da miniprova. E ou não é?

Ricardinho gelou. Aquela pergunta confirmava suas piores suspeitas. Não devia ter brincado com o professor. Agora ia pagar pela provocação dos versinhos.

– E ou não é? – insistiu o professor.

– E – murmurou Ricardinho.

Os outros alunos se olharam. Estavam achando que havia alguma coisa esquisita no ar.

– Antes das notas, quero fazer uma observação – disse o professor. – Sei que minha imagem não é muito boa entre vocês. Minha fama é de durão, carrasco e outras coisas, mas não sou nada disso. Eu exijo disciplina, só isso, porque com bagunça ninguém aprende. Mas hoje eu vou provar que não sou a fera que vocês acham. Ricardo, você ganhou dois pontos na miniprova. Você acertou as quatro questões.

– As... as... qua... quatro? – vacilou Ricardinho. – Mas...

– Você acertou os três primeiros problemas. O quarto você não resolveu, mas eu decidi considerar a questão certa, apesar da resposta estranha que você deu.

A classe estava supercuriosa. Que resposta teria sido aquela? Ricardinho não tinha contado nada a ninguém.

Sentindo a ansiedade dos alunos, o professor Édson disse:

– Vou ler para todos a resposta do Ricardo, que ele deu em forma de versos.

– Versos? – perguntou alguém, no fundo.

– E. Versos – confirmou o professor. – Isto não quer dizer que eu esteja estimulando outras respostas literárias. Deve ficar bem claro que é uma exceção. Os versos são estes:

Sobre este assunto nada sei,

Por isso estou desapontado.

Mas o meu livro eu lerei

Para ficar bem informado.

Quando o professor acabou a leitura, ouviram-se algumas palmas e também alguns gritos:

– Beleza!

– Valeu, Ricardinho!

– Grande!

– Aí, poeta!

O professor exigiu silêncio. Que desordem era aquela? Ricardinho procurou os olhos de Marise, mas eles estavam fixados em Eduardo. Ela queria saber o que ele pensava daquilo. Olhando para trás, Ricardinho teve uma compensação: Adriana sorria rasgadamente para ele e mandava beijinhos com a mão. Sentiu-se menos infeliz, mas não muito. Adriana era Adriana só, não era Marise.

Olhando para os lados, teve outras compensações: mais garotas mostravam os lindos dentes para ele. A classe parecia repentinamente transformada em um amplo estúdio onde estivesse sendo gravado um anúncio de alguma pasta dental.

16 – POETA OU LAGARTIXA?

Até o fim da manhã, Ricardinho precisou conviver com aquela situação nova. Sempre havia sonhado com o sucesso e, agora que o sucesso tinha chegado, não estava sabendo lidar com ele. As garotas e os meninos da classe não lhe deram descanso. Ficaram em volta dele, fazendo pedidos e comentários:

– Você me mostra os versinhos? Eu posso copiar?

– Como você teve a idéia de escrever a história da menininha?

– Puxa, eu não sabia que você era fera assim em redação.

Atordoadado, ele pensou que só estava faltando uma coisa: organizarem uma fila e pedirem autógrafos.

Era uma sensação estranha: todos o olhavam como se dali a pouco ele fosse se transformar em um monumento igual aos que havia nas maiores praças da cidade. Todos, menos Marise. Ricardinho até entendia aquilo. Toda regra tinha exceção. Mas – que droga! – a exceção precisava ser justamente Marise? Se fosse Eduardo, ele ia entender. Afinal, Eduardo era o vilão daquela história...

Depois das aulas, voltando sozinho para casa, ele se sentia dividido. Tinha vontade de pular, cantar, assobiar, gritar que era o maior poeta e o maior escritor do mundo. E, quase no mesmo instante, pensava em Marise e tudo mudava: tinha a impressão de ser mais insignificante do que uma formiga, mais repelente do que uma lagartixa, mais gosmento do que uma lesma. Onde havia ouvido que não se pode querer tudo ao mesmo tempo?

Tinha a impressão de estar em um circo: num instante ele era o trapezista, voando lá em cima e recebendo aplausos; no instante seguinte era o palhaço e levava um monte de tomates podres na cara.

E tudo que acontecia em volta dele parecia reforçar essa insegurança. Um passarinho cantou no parque e Ricardinho pensou:

foi bem-te-vi ou mal-te-vi que ele disse? E as sirenes da polícia, que começaram a berrar como se anunciassem a maior perseguição de todos os tempos, pareceram o som de aplausos no primeiro instante e, logo em seguida, soaram como se fossem a maior vaia.

Entrando em casa, ele foi recebido pelo olhar ansioso da mãe.

– E aí? – ela foi logo perguntando. – O professor deu o resultado do trabalho?

A expectativa de Viviane era tão grande que ele se esqueceu por um momento de Marise, abriu um sorriso e gritou:

– Mãe, eu sou o máximo! O máximo! Você sabia que um gênio mora nesta casa? Você está falando com o futuro Prêmio Nobel de literatura. Viviane arregalou os olhos:

– Filho, quer dizer que você...?

– Mãe, quem você vive dizendo que foi o maior escritor do Brasil?

– Para mim, foi o Machado de Assis.

– Ele pode ter sido, mãe. Mas não é mais. O maior escritor brasileiro agora se chama Ricardo Cordeiro da Luz e, por acaso, ele mora nesta casa. Seu primeiro trabalho vai ser publicado no jornal Notícias Mundiais. Viviane ainda vacilou um pouco. Depois, quis saber:

– Você está falando sério, filho?

Ricardinho fez cara de ofendido:

– Mãe, eu não acredito. Você está duvidando de mim?

– Não, filho, não. É que às vezes você gosta de brincar. Então você...– A história arrasou, mãe.

– E ela vai ser publicada mesmo? – perguntou Viviane, arregalando os olhos como se estivesse diante de uma celebridade.

– Claro, mãe. Não era isso que estava combinado? Então. E sabe de outra coisa? O professor de matemática leu na classe aqueles versos, lembra?

– Lógico que eu lembro. Você andou tão apavorado por causa deles! O que você disse? O professor leu os versos?

– Leu.

– Ai, meu Deus! E ai?

– Ai ele me deu o meio ponto da questão. E deu também os pontos das outras questões. Eu acertei todas!

– Puxa! – admirou-se Viviane, começando a se convencer de que estava mesmo conversando com um gênio.

Sentaram-se para almoçar. A comida estava deliciosa e Ricardinho comeu com vontade. As emoções da manhã tinham cavado um buraco no seu estômago. Quando ele deu a última garfada, Viviane abriu a geladeira e anunciou:

– Surpresa!

Apesar de tudo que tinha comido, Ricardinho lançou um olhar guloso ao doce de maçã.

– Mãe, o que deu em você hoje? Já fazia um século que eu estava pedindo esse doce...

– Eu fiz porque estava adivinhando que hoje você ia merecer um prêmio...

– ela explicou, feliz.

Chegou a hora de Viviane ir para o trabalho. Ela estava um pouco atrasada, mas antes de sair telefonou para o marido. Jéferson não gostava quando ligavam para o escritório, mas dessa vez não reclamou. As notícias sobre as vitórias escolares de Ricardinho eram boas demais para ser adiadas.

– Ele está mandando um grande abraço para você e parabéns – disse Viviane, desligando o telefone. Depois, apanhou a bolsa, beijou Ricardinho e saiu, com a sensação de estar mais alta, mais moça, mais bonita. Será que a mãe de Machado de Assis também sentia tanto orgulho do filho?

17- UM ROSTO NA JANELA

Naquela tarde, ainda tonto com os acontecimentos da manhã, Ricardinho pegou alguns livros e cadernos e saiu para ir à casa de Adriana, para a reunião do clubinho de estudos. No caminho, ele nem se lembrou de cumprimentar Toquinho, o poodle. Pensando em Marise, ele se esforçava

para enfiar um plano na cabeça. Mudaria de tática. Em vez de se mostrar tão interessado nela, tentaria bancar o indiferente. Assim, talvez ela acabasse vendo que ele valia mil vezes mais do que qualquer Eduardo. A idéia lhe pareceu brilhante e talvez até pudesse dar certo se, ao chegar à casa de Adriana e ver Marise sentada no sofá, sem Eduardo, ele não tivesse esquecido o plano no mesmo instante.

– Oi! – exclamou ele, com um sorriso maior do que a boca.

– Oi – retribuiu Marise, enquanto Adriana olhava decepcionada para ele, como se dissesse: “Por que você não me cumprimentou com tanta alegria quando eu fui abrir o portão pra você?”.

Todo contente, Ricardinho ia perguntar se Eduardo não vinha, esperando que a resposta fosse não, quando a campainha tocou. Era ele. Adriana foi abrir o portão e, sozinho na sala com Marise, Ricardinho arriscou um lance:

– Sabe que você está mais bonita hoje?

Ela não respondeu e, enquanto Ricardinho curti sua humilhação, Adriana e Eduardo entraram. Eduardo cumprimentou Ricardinho com um aceno de cabeça e andou rápido até o sofá onde estava Marise.

– Hum, como você está linda hoje! – ele disse.

Ela se levantou, sorridente:

– Você acha, Edu?

– Acho – ele confirmou, dando um beijo no rosto dela.

Ricardinho se sentiu sufocado. Não suportando mais ver o namoro dos dois, foi até a janela e ficou olhando para um gato ruivo que se espreguiçava diante da porta de um sobradinho verde do outro lado da rua.

Admirando e invejando a tranqüilidade do gato, que não devia sofrer mágoas de amor, de repente ele teve a atenção atraída por um movimento na cortina da sala do sobrado. Fixando os olhos ali, viu um tipo muito mal-encarado que olhou furtivamente para ele e logo fechou a fresta que tinha aberto.

Ricardinho teve um momento de bom humor. Imaginou que, com aquela cara, o sujeito também não devia ter sorte no amor. Tão profunda havia sido a impressão deixada por aquele rosto que ele comentou:

– Nossa, gente! Acabo de ver o cara mais feio do mundo naquela casa verde.

Adriana e Eduardo aproximaram-se depressa da janela, curiosos, e estranharam: não estavam vendo ninguém.

– O que é isso? É uma pegadinha? – perguntou Eduardo.

– Vai ver que ele anda lendo histórias de terror – zombou Marise, que nem tinha saído do sofá.

Adriana disse:

– Você viu um homem lá?

– E, um homem. Feio como trombada de caminhão.

– Sério? – duvidou Adriana. – Naquela casa só vive uma velhinha, a dona Fátima. As vezes, ela é visitada por um sobrinho do interior. Mas...

Notando a hesitação dela, Ricardinho quis saber:

– Mas o quê?

– O sobrinho dela é um moreno lindo, um gato.

Isso deixou Ricardinho magoado. Todos ali pareciam estar contra ele.

Resolveu não falar mais no homem.

O resto da tarde se arrastou, para ele. Não conseguiu se concentrar no estudo e saiu da casa de Adriana disposto a não se encontrar mais com a turma. Aquilo estava ficando muito chato.

Além disso, os pontos que ele havia conseguido com o professor de matemática lhe deram de repente a certeza de que não teria mais dificuldades para passar de ano. Estudaria sozinho e pronto. Naquele momento, não se sentia mais o garoto para quem o sucesso tinha sorrido de manhã. E para os outros ele também não parecia o mesmo. Só Adriana, quando ele, Marise e Eduardo estavam indo embora, se lembrou do que tinha acontecido na escola algumas horas antes. Ela disse que tinha falado pelo telefone com o pai, na imobiliária onde ele trabalhava como vendedor, e com a mãe, na floricultura onde ela era gerente, e contado as vitórias dele na aula de português e na prova de matemática.

– Eles mandaram parabéns para você – ela disse, satisfeita.

Ele agradeceu e, por alguns instantes, sua auto-estima deu sinais de que ia voltar. Mas, ao chegar à praça perto de sua casa e ouvir os pássaros cantando, seu astral estava de novo tão baixo que ele juraria ter entendido:

– Mal-te-vi, mal-te-vi, mal-te-vi.

E o som das sirenes da polícia, que voltou a sacudir o bairro, lhe pareceu uma imensa vaia. Tinha caído do trapézio e, além dos tomates podres, estavam lhe jogando na cara uma porção de outras coisas.

18 – NO MUNDO DAS NUVENS

Depois de tomar um banho bem demorado para lavar toda a decepção, Ricardinho foi para a cozinha, onde a mãe, que tinha chegado enquanto ele estava no chuveiro, preparava o jantar.

– E aí, filhote? Tudo bem?

– Mais ou menos, mãe.

– Sua cara não está muito boa. O que foi?

– Nada.

– Como nada? Você estava tão feliz na hora do almoço e agora... O que foi que aconteceu?

Ricardinho não deu resposta. Sentou-se à mesa e começou a passar a ponta do dedo pelas quadriculas da toalha, indo de uma em uma, como se aqueles quadradinhos formassem um caminho que sua mão precisasse percorrer. Distraiu-se tanto naquela atividade que parecia não haver mais nada no mundo. Viviane ficou observando o passeio do dedo, enquanto esperava o macarrão ficar no ponto. Não disse uma palavra. Queria ver até onde ia o desligamento do filho. Mas, quando Ricardinho suspirou fundo, ela não agüentou mais:

– Sabe o que eu acho?

Ricardinho continuou mudo. Dava a impressão de não ter ouvido a pergunta. Suspirou mais fundo ainda.

– Sabe o que eu acho? – insistiu Viviane, colocando a mão no ombro do filho, para ver se ele descia das nuvens em que estava.

– Hem, mãe? Você falou alguma coisa?

– Eu acho que você está apaixonado.

Apanhado em flagrante, como um bandido, Ricardinho fez o que os bandidos costumam fazer: negou. Mas negou tão sem firmeza que Viviane brincou:

– Não, você não está apaixonado. Você está apaixonadíssimo. Quem é a musa? A Adriana?

– Pára de chatear, mãe. Que conversa mais boba!

– É a Marise?

– Não vou responder, mãe – ele avisou, nervoso.

Viviane olhou bem para ele e concluiu:

– Nem precisa. Eu já sei. É a Marise. Ontem ou anteontem, você falou esse nome e sabe o que parecia? Que você estava com uma bala de mel na boca... Se antes da conversa Ricardinho tinha ainda alguma dúvida, agora não tinha mais. Seu amor por Marise estava tão escancarado que não dava mais para esconder. Ele devia estar se revelando nos seus olhos, no seu rosto, em cada um de seus gestos. E o nome dela devia estar escrito nele, apagando e acendendo como os enfeites de uma gigantesca árvore de Natal: – Ma-ri-se, Ma-ri-se, Ma-ri-se.

Achando muito estranho a mãe não ter dito que ele era muito criança para aquelas coisas, ele já estava quase aceitando falar com ela sobre o assunto quando a porta da sala se abriu e o pai entrou.

– Oi, Vivi! Oi, Ricardo! – ele cumprimentou, beijando primeiro a mulher e depois o filho. – Estou morrendo de fome. Hum, que cheirinho bom! A comida está pronta?

19 – A CARA DO PAI

Enquanto jantavam, Jéferson foi perguntando detalhes das grandes vitórias de Ricardinho na escola:

– Quer dizer, então, que o professor de matemática achou bons os seus versos?

– É, pai. Achou.

– Viu só como são as coisas? Você estava com tanto medo do tigre e, no fim, o tigre era um gatinho...

– Você diz isso porque não é você que precisa enfrentar a fera, pai. Ele não é fácil, não.

– Mas me conte uma coisa, filho. Como é que foi a história da redação? Sua mãe me disse pelo telefone que foi um sucesso.

– E foi mesmo – confirmou Ricardinho, que já estava sentindo quase o mesmo entusiasmo da manhã.

– Também, com aquela história que eu passei para você, não podia dar errado – pavoneou-se o pai.

– Jéferson, você continua convencido – comentou Viviane.

– O, Vivi! Será que eu não posso nem pegar uma caroninha na glória do meu filho? Ricardo, quer dizer que a história vai sair naquele jornal, como é mesmo o nome?

– Notícias Mundiais, pai. Vai, sim. Foi até bom você falar, porque eu não posso esquecer de levar minha foto para o professor Carlos, amanhã.

Mal Ricardinho disse isso, Viviane levantou-se e foi até a sala. Voltou um minuto depois, com duas fotografias.

– Qual vocês acham melhor?

Ricardinho pegou uma:

– Acho que esta.

Jéferson disse:

– Qualquer uma, Vivi. Meu filho é lindo. É a cara do pai...

Fingindo estar zangada, Viviane atacou:

– Não estou dizendo que você é um convencido?

– Convencido, eu? E quem é que falava que era a morena mais linda de Itanhaém?

– Ah, você vai me desculpar, Jéferson, mas não era eu, não, que falava. Era a minha mãe, você sabe muito bem disso.

– Você não falava, está certo, mas também você nunca disse que aquilo não era verdade...

– E você acha que ficava bem eu chamar a minha mãe de mentirosa?
– Sua mãe era mentirosa, sim. Mentia demais. A única verdade que ela disse na vida foi que você era a morena mais linda de Itanhaém. Se não fosse, você acha que eu ia casar com você?
Depois do jantar, a família foi para a sala. Viviane ligou a tevê na novela. Ricardinho e o pai começaram a conversar, procurando falar baixo.
– O que vocês dois estão cochichando aí?
– Nada, Vivi. Nada. Nós só não queremos atrapalhar a sua novela.
– Mas eu nem acompanho direito esta novela... Acho novela uma perda de tempo, uma bobagem.
Ricardinho e o pai se olharam, sorrindo.
– Nós – disse Jéferson – também achamos o futebol uma coisa boba e sem graça. É ou não é, Ricardo?
Ricardinho segurou-se para não gargalhar. O bom humor que o pai e a mãe tinham era contagiante. Gente de fora podia achar aqueles diálogos uma provocação, um convite à briga. Ele, não. Sabia que tudo aquilo eram brincadeiras que os dois gostavam de fazer um com o outro.

20 – UM HOMEM CHAMADO ESQUELETO

Enquanto Viviane acompanhava os beijos do mocinho e da mocinha e as tramas dos vilões para acabar com eles, Jéferson continuou conversando com Ricardinho sobre o sucesso alcançado pelo filho com a história da menina que fingia encolher para enganar a Morte.
– Você precisava ver como a turma gostou, pai. É uma história muito legal mesmo.
– É. Ela é boa, sim. Eu aprendi a contar histórias com o meu amigo Esqueleto.
– Esqueleto? – estranhou Ricardinho. – Quem é esse?
– O Esqueleto era o meu melhor amigo lá em Itanhaém. Um cara com uma cabeça sensacional. Quando ele começava a contar histórias, não parava mais. Era uma atrás da outra, todas ótimas.
– Eram histórias de terror?
– Terror? Não, eram histórias de todo tipo. Algumas engraçadas, algumas tristes. Ele também escrevia muito bem. Por que você perguntou isso?
– Porque...
– Ah, já sei – disse Jéferson, rindo. – Por causa do nome dele, não é?
– É, pai.
– O nome dele não era esse, claro. Era apelido, porque ele era um sujeito compridão e magro, muito magro. Parecia um poste. No começo, o apelido dele era esse. Poste. Só depois é que acabou virando Esqueleto. Até hoje, acho que o pessoal lá de Itanhaém lembra dele. Eu e o Esqueleto andávamos sempre juntos. Ele queria ser jornalista, escritor, essas coisas.
– E conseguiu ser?
– Ele fazia uns textos lá para os jornais da região. Todo mundo gostava, mas o Esqueleto achava aquilo muito pouco. Vivia falando em cursar uma faculdade de jornalismo. E eu me dava tão bem com ele que comecei a pensar nisso também. Ainda bem que, depois de ele ir embora da cidade, eu percebi que a minha área era outra. Ele tinha jeito para escrever. Eu, não.
– Ele saiu de Itanhaém muito antes de você?
Jéferson ficou alguns instantes em silêncio, pensando. Parecia triste, de repente. Depois, notando a ansiedade do filho, continuou:

– Uns três anos antes. E foi esquisita a saída dele. Ninguém entendeu. Nem eu, que era a pessoa com quem ele mais falava. Eu vinha notando que ele andava estranho, mas quando perguntava alguma coisa ele garantia que não era nada, que estava tudo bem. Nessa época eu já estava namorando a sua mãe e não saía mais tanto com ele. Mas dava para ver, quando a gente se encontrava, que ele estava com algum problema. Não contava mais histórias, nem nada.

– Nossa, pai, o que será que foi?

– Eu nunca soube. Um dia, achando que ele estava doente, porque não aparecia fazia muito tempo, fui à casa dele e tive a maior surpresa. A família me disse que ele tinha se mudado para o Rio, para trabalhar e fazer uma faculdade de jornalismo lá. Não tive mais notícias dele. Dois anos mais tarde, eu me casei com a sua mãe e logo depois vim para São Paulo trabalhar lá no escritório de contabilidade. Gostei do emprego, fiz o curso de contador e o resto você sabe.

– Será que o Esqueleto hoje é jornalista?

– Não sei, filho. Tomara que sim, porque ele levava muito jeito para a coisa. É ou não é, Vivi?

Viviane não respondeu.

– E ou não é, Vivi? – insistiu Jéferson.

– Desculpe. O que foi que você disse? Eu estou tão entretida

– Eu não disse nada – mentiu Jéferson e, aproveitando a distração de Viviane, piscou para o filho e foi andando sorrateiramente para a cozinha. Voltou com um pacotão de batatas fritas e começou a devorá-las, com a eficiente ajuda de Ricardinho.

Quando Ricardinho, falando baixo, sugeriu que oferecessem umas batatinhas a Viviane, Jéferson balançou a cabeça e, em voz mais baixa ainda, desaprovou a idéia:

– Ela está fazendo regime.

A novela parecia estar mesmo num ponto decisivo. Apesar do barulho que o pai e o filho faziam para triturar as pobres batatas, Viviane não notou nada e, assim, perdeu aquela oportunidade de ouro de chamar os dois de gulosos.

Enquanto ela dava mais um suspiro profundo, provocado por uma injustiça cometida contra a heroína, Jéferson foi novamente até a cozinha, para se livrar do pacote vazio de batatinhas. Ficou mais tempo por lá, nessa vez. Quando voltou para a sala, estava mastigando uma salsicha e, para garantir que o filho não o denunciaria, vinha trazendo uma para ele também.

– Boa, pai – agradeceu Ricardinho, tentando de novo descobrir por que sentia tanta fome à noite. Não dava para entender. Meia hora depois do jantar, tinha liquidado meio pacote de batatinhas e, enquanto acabava também com a vida da salsicha, já estava imaginando como seria bom abrir a geladeira, sem que a mãe percebesse, e pegar uma fatia de bolo. Depois, quando a mãe terminasse de ver a novela, seria gostoso comer umas pipoquinhas e assistir a um filme de vampiro...

21- TELEVISÃOZINHA OU TELEVISÃOZONA?

Depois da novela, Viviane deu uma passada pelos canais e encontrou um filme romântico. Estava começado e, quando ela disse que já o tinha visto umas duas vezes, Ricardinho sorriu:

a televisão ia ficar liberada para ele.

Viviane chegou a pôr o controle remoto na mão do filho, mas ele não teve tempo de apertar nenhum botão, porque apareceu uma cena em que um casal

de namorados jogava bolinhas de pão para uma centena de alvoroçados pombos na frente de uma igreja imensa. Viviane sacudiu o marido, que ameaçava pegar no sono no sofá.

– Como é mesmo o nome desse ator, Jéferson?

Foi uma grande decepção, para Ricardinho, ver que o pai sabia quem era aquele sujeito apontado pela mãe: um desses Johns ou Roberts que ficam beijando as mulheres nos filmes, para ganhar o Oscar. E sua surpresa cresceu ao ouvir o pai dizer:

– Esse filme é bom demais. Um dos melhores que eu vi. Mas sabe de uma coisa? Eu não estou lembrando como é o fim.

– Sabe que eu também não? – admitiu Viviane, pegando de volta o controle remoto.

A cara de desapontamento de Ricardinho foi tão expressiva que Jéferson se antecipou:

– Já sei, filho. Você quer ganhar uma televisãozinha no Natal, para pôr no seu quarto.

– Não precisa ser televisãozinha, pai. Pode ser televisãozona, que eu não reclamo.

Jéferson riu:

– Até o fim do ano, eu acho que você vai poder comprar a tevê com o seu dinheiro.

– Meu dinheiro? – estranhou Ricardinho. – Que dinheiro?

– O dinheiro que você vai estar ganhando com a venda dos seus livros.

– Ah, pai, brincadeira tem hora. Eu acho muito mais fácil você comprar a tevê com o seu décimo terceiro salário. Não é uma grande idéia?

– Sua mãe também tem décimo terceiro...

– Eu sei. Juntando o décimo terceiro de vocês dois, acho que dá pra comprar uma televisãozona e um videocassete...

– Mas o que está acontecendo com esses dois aí?

– Esses dois???!!! – espantou-se Ricardinho, até descobrir que o pai já não falava com ele, mas com a mulher, comentando uma cena em que o casal de namorados parecia disposto a começar uma briga.

Cansado com as emoções do dia e sem nenhuma vontade de saber como terminava aquele filme, Ricardinho resolveu ir dormir. Mas, antes, vendo que a mãe não tirava os olhos da tevê, foi pegar na geladeira o bolo que andava cobiçando. Comeu um pedaço e ia deixar outro – o último – para o pai. Mas estava tão decepcionado com ele por causa daquele filme que acabou não deixando fatia nenhuma.

Quando subiu para dormir, estava sentindo uma dorzinha no estômago, mas sentia-se vingado.

22 - LEMBRA DO GÊNIO DA GARRAFA?

Os acontecimentos do dia, talvez o mais agitado de toda a sua vida, começaram a ser passados e repassados pela memória de Ricardinho. E era como se ele estivesse vivendo de novo cada um deles.

– Você viu como a classe ficou toda de boca aberta? – ele perguntou, como se houvessem alguém no quarto para conversar com ele. Como não havia, ele mesmo respondeu:

– É, você hoje arrasou.

Quando se cansou de recordar suas glórias, ele achou que já estava merecendo dar uma boa dormidinha. Virando-se de um lado para outro na cama, ele, ele chamou o sono, tornou a chamar, e o sono não vinha. Pensou em contar carneirinhos, mas não chegou nem o décimo. Parou, envergonhado.

Para um garotão de quase onze anos, aquela história de carneirinhos era um pouco vergonhosa.

Um rapaz como ele devia ter algo melhor para ficar contando. Carneirinhos eram menininhos do maternal...Assim que teve esse pensamento, imaginou como seria agradável ficar contando garotas. E, claro, garotas com o jeito, o rosto, os olhos, os cabelos de Marise.

Marise, Marise, Marise. Todos os caminhos do seu cérebro acabavam levando a Marise. Num livro que tinha lido uma semana antes, o pai de uma garota apaixonada por um rapaz dizia a ela que os namoros na adolescência não duravam muito. E a garota respondia que, se não duravam mesmo, era uma pena. Ele gostaria de pensar como o pai da garota, para não continuar sofrendo, mas não podia: era incapaz de se imaginar não gostando de Marise.

Lembrou-se de outro livro: a história de Ali Babá, um homem que, ao pronunciar uma expressão mágica - "Abra-te, Sésamo" -, conseguia um tesouro escondido por ladrões em uma caverna.

Era daquilo que ele precisava. De uma palavra, de uma expressão mágica que enfeitiçasse Marise e a fizesse olhar para ele como ela olhava, por exemplo, para Eduardo. Ou, então, dar um jeito de achar uma garrafa encantada, libertar o gênio aprisionado dentro dela e ganhar o direito de fazer três pedidos.

Três pedidos? Depois dos preciosos pontinhos conquistados na miniprova de matemática, ele só queria duas coisas: transformar-se num poeta daqueles de primeiro time, como Carlos Drummond de Andrade e Vinícius de Moraes, e ganhar o coração de Marise.

Eram esses seus dois grandes desejos. Mas, se o gênio estivesse de mau humor ou com vontade de pechinchar, ele baixaria o preço para o desejo, sem discutir. Porque já começava a desconfiar que o sonho de escrever belos poemas não existiria se Marise não existisse.

Ainda pensando no gênio da garrafa, ele se recordou do que havia sentido ao conhecer aquela história, uns três anos antes. Tinha sido uma impressão tão profunda, tão intensa, que imediatamente ele quis conversar com os amiguinhos da rua e da escola sobre aquilo. Tudo tão maravilhoso, tão estranho, tão empolgante, que ele precisava compartilhar aquela emoção com alguém. Mas nenhum dos meninos que ele conhecia tinha ouvido falar da história, nem parecia disposto a ouvir.

Lembrando essa frustração, Ricardinho interrompeu uma série de três bocejos para acolher uma dúvida. Podia jurar que, recentemente, havia falado com alguém sobre aquela história. Mas com quem?

A sonolência, que estava chegando, foi embora e Ricardinho ficou moendo e remoendo aquela dúvida por mais de uma hora, antes de se ajeitar de novo como gostava, deitado de lado e com uma das mãos embaixo do travesseiro, e ir pouco a pouco deixando para o dia seguinte as suas preocupações. Só quando acordasse voltaria a pensar em rimas e versos, em sonhos e decepções, em Marise e Eduardo.

23 - QUEM É VOCÊ?

Assim que pegou no sono, Ricardinho sentiu nos braços duas mãos que o sacudiam. Apavorado, quis gritar, mas sentiu a voz estrangulada na garganta. Enquanto procurava criar coragem para se levantar e sair correndo, ouviu uma voz fanhosa:

- Você não tem vergonha?

Ainda sem voz para a resposta, viu aquele personagem exótico, de cavanhaque e bigodinho, curvado sobre ele, e ouviu de novo a pergunta, feita em tom de censura:

– Você não tem vergonha, não?

– Ve... Ver... gonha? – conseguiu finalmente murmurar.

– É. Vergonha.

– Ve... Vergonha de quê?

– Você não sabe? Nunca vi ninguém mais ingrato do que você.

– Ingrato? – disse Ricardinho sem gaguejar, porque já estava irritado com aquele sujeito.

– Você, num dia só, ganha dois pontos em matemática, escapa do castigo do professor Édson, vence o concurso de redação, tudo isso com a minha ajuda, e dorme sem lembrar de me agradecer?

Ajuda? Agradecer? Ricardinho não estava entendendo nada. De onde tinha surgido aquele maluco, com aquela história sem pé nem cabeça? Quem ele pensava que era? O gênio da garrafa?

– Você é muito mal-agradecido – insistiu o estranho. – Eu achava que você ia me receber com uma banda de música, me dar um abraço, me aplaudir, e, quando eu chego, você finge que nem me conhece.

– E quem é você? – perguntou Ricardinho, agora perturbado por uma leve impressão de que conhecia aquela figura.

– Ah, essa não. Você pode ser tudo isso que eu falei, e mais algumas coisas, mas idiota você não é. Você sabe muito bem quem eu sou. Todos sabem.

– Todos? Todos quem?

– Todos. Tê, ó, dê, ó, esse – soletrou o homem, como se estivesse ali dando aula, e depois gargalhou.

–Tê, ó, dê, ó, esse menos eu – disse Ricardinho, furioso.

Nesse momento, os olhos amarelos do visitante noturno tornaram-se tão intensamente vermelhos que Ricardinho pensou estar vendo fogo neles. Arrepiado, ele notou, um segundo depois, que agora uma fumaça azulada começava a colorir os olhos rubros.

– Você precisa de mais alguma prova? – quis saber a voz fanhosa.

– Não... Não – respondeu Ricardinho atemorizado, sem saber direito do que o sujeito estava falando.

– Ótimo. Então nós podemos conversar. Está pronto?

– Es... Estou – concordou Ricardinho tremendo, e no mesmo instante viu, no meio da fumaça que se dissipava, reacender-se o impressionante brilho dos olhos amarelos.

24 – O QUE VOCÊ QUER DE MIM?

Depois de ver a extraordinária transformação dos olhos amarelos em fagulhas e seu retorno à cor natural, Ricardinho não tinha mais nenhuma disposição de continuar desafiando aquela criatura indecifrável que, depois de outra de suas fanhosas gargalhadas, repetiu a pergunta, como se estivesse passando um videotape:

– Sabe que você é muito ingrato?

Ricardinho concordou com um aceno de cabeça e, para não deixar nenhuma dúvida, confirmou:

– Sei.

– Ah, agora sim, nós estamos principiando a nos entender da maneira que eu almejava – comentou a bizarra figura, acendendo com essa frase uma suspeita em Ricardinho.

– Por acaso você é professor de português? – ele perguntou.

– O quê?

– Você é professor de português?

– Não. Que idéia! Mas, depois dessa pergunta, eu tenho a certeza de que você é maluco. Por que você acha que eu sou professor de português?

– Porque você é meio... meio...

– Meio pernóstico?

– O que quer dizer isso?

– Pernóstico é uma palavra que, se você não sabe o que é, você é um burro. Entendeu?

– Você veio aqui para me humilhar, é isso?

– Não. Eu vim para terminar a nossa conversa da outra noite.

– Outra noite? Que outra noite?

– Ah, vamos parar com este papo-furado, já que você quer que eu fale claramente. Depois dessa pergunta que você fez, eu só posso achar que você é fingido ou sofre de amnésia.

– Acho bom parar mesmo com o papo, porque eu não...

– Já sei. Porque você não sabe o que é amnésia. E ou não é? Amnésia é perda de memória. Você devia saber isso. O que estão ensinando naquela sua escola?

– Se você sabe tudo, por que então você fica me perguntando as coisas? Ricardinho ficou esperando a resposta, mas ela não veio. A voz fanhosa falou de novo do sucesso dele na prova de matemática e na redação e disse:

– Foi como eu prometi, não foi?

Dessa vez, Ricardinho não negou. Com medo de ser obrigado a presenciar novas transformações, ficou quieto, esperando.

– E vai melhorar – continuou o estranho.

– Você vai ver. Todos os seus sonhos vão se realizar.

– Tê, ó, dê, ó, esse? – brincou Ricardinho.

– Tê, ó, dê, ó, esse – brincou também o homem. – Todos mesmo.

– Eu agora só quero...

– Eu sei o que você quer.

– Eu vou conseguir?

– Vai. Claro que vai. Você merece tudo: sucesso, fama e...

– E uma namorada bem bonita, que é a...

– Como você é impaciente e mal-educado! As vezes, eu fico perguntando se você merece tudo que eu estou fazendo por você. Se você continuar assim, eu acabo aprontando uma para você.

– Aprontando? – perguntou Ricardinho, estranhando aquela palavra e começando a achar que não estava mesmo diante de um professor de português.

– E. Você é um dos meus piores fregueses. Mas, mesmo assim, eu vou continuar fazendo tudo por você.

– Mas o que você vai querer em troca?

Quando Ricardinho perguntou isso, a imagem do homem foi se apagando, apagando.

– O que você quer de mim? O que você quer de mim? – disse outra vez Ricardinho, aflito.

— Nada — respondeu uma voz de mulher. — Só vim ver por que você estava gritando. O que aconteceu? Foi o mesmo pesadelo da outra noite?

— Outra noite? Que outra noite?

Quando Viviane começou a responder, viu que não precisava, nem adiantava. O filho estava dormindo novamente. Viviane sacudiu a cabeça e ficou imaginando quantas vezes, enquanto ela estava assistindo à novela e ao filme, ele tinha ido abrir a geladeira. E pensou, com alívio, que o pesadelo poderia ser ainda pior se, naquela noite, ele tivesse visto um daqueles filmes de terror. O bom era que no dia seguinte as pessoas quase nunca se lembravam de pesadelo nenhum.

25 - UNS VERSOS PARA MARISE

Na manhã seguinte, Ricardinho acordou com a impressão de que tinha tido um sonho com o personagem de cavanhaque e bigodinho que havia sugerido os versos para ele na escola. Mas, não conseguindo lembrar-se de nada, resolveu não pensar mais naquilo. Sentia-se bem, leve, feliz.

Chegou assobiando à cozinha e continuou assobiando enquanto a mãe servia o sanduíche e o suco para ele.

— Sabe o que você está parecendo? — Viviane perguntou.

— Não, mãe.

Viviane, decepcionada, balançou a cabeça:

— Cadê a sua imaginação, filho? Você nem parece um escritor... Com esse assobio, eu não vou estranhar se você bater as asas e sair voando.

Ricardinho comeu com vontade, bebeu com muita sede, conversou alegremente com o pai e a mãe e, quando saiu para ir à escola, não voou, mas continuou assobiando. Seu bom humor era tão grande que, de repente, sem nem saber como, estava pensando em Eduardo sem aquela raiva de sempre. E, pela primeira vez, ficou em dúvida: se Marise não estivesse na história, será que ele acharia Eduardo tão convencido, tão chato, tão bobo, tão irritante? Talvez não. Para reforçar essa suspeita, lembrou-se de que na véspera Eduardo tinha lhe emprestado um livro da Coleção Vaga-Lume, dizendo que podia ficar com ele todo o tempo que quisesse.

Caminhando sob um sol gostoso, ainda não muito forte, ele se esqueceu de Eduardo e se lembrou de algumas poesias que tinha lido uns dias antes, numa antologia. As melhores, as mais bonitas, eram aquelas nas quais o poeta, afastado por algum motivo da amada, cantava os seus encantos e se queixava dos sofrimentos que era obrigado a suportar longe dela.

Isso estimulou seu romantismo. Pensando em Marise e na indiferença dela, começou a fazer mentalmente um poema. Mudando uma palavra aqui, outra ali, ele chegou ao parque murmurando estes versos:

Marise,

Eu não sei se alguém já lhe disse

Que não existe no mundo

Garota mais linda do que você.

Marise,

Se ainda ninguém lhe disse,

Preste atenção,

Porque agora eu vou dizer.

Empolgado, sentou-se num banco e anotou os versos num caderno. Estava decidido a mostrá-los a Marise. Tinha a certeza de que, se ela os lesse,

não continuaria com aquela esnobação para cima dele. Só se o coração dela fosse de pedra.

Chegando ao colégio, logo viu, sorridentes, Marise e Eduardo subindo a escada em direção à classe. Apressou-se, alcançou os dois quando estavam pisando o último degrau e, falando rápido para não perder a coragem, avisou:

– Marise, eu tenho uma coisa pra mostrar.

– Ah, é? – disse ela sem entusiasmo, olhando para Eduardo e rindo.

Ricardinho enfiou a mão na mochila. Mas, quando pegou o caderno, Marise já estava dentro da classe, sem lhe dar a mínima atenção. Ele guardou então o caderno e desistiu de entregar o poema. Pensando bem, talvez fosse até bom aquilo ter acontecido. Agora lhe parecia que os versos não eram tão bons.

26 – A DECEPÇÃO DE ADRIANA

Ricardinho estava tão arrasado, tão triste, tão humilhado, que só notou a presença de Adriana quando ela perguntou pela segunda vez:

– Oi, tudo bem?

– Oi. Tudo – ele respondeu, sorrindo para retribuir o sorriso animado da garota, que olhava para ele como se estivesse diante de um ídolo do rock.

– Você está com uma carinha desanimada hoje, Ri.

– É impressão sua, Adri. Eu estou ótimo.

– Ainda bem – disse ela, com satisfação. – A Marise falou com você?

– A Marise? Não. Por quê?

– Ela e o Edu não vão poder estudar com a gente hoje.

Ricardinho tentou disfarçar o desapontamento que estava sentindo por não poder ver Marise à tarde:

– Ah, é? Sabe que é até bom? Eu também não vou poder. Eu ia até avisar.

O sorriso de Adriana desapareceu:

– Ai, que chato. Você não vai poder mesmo? Eu já estava achando que o estudo ia render mais, só nós dois...

A decepção dela era tão grande que Ricardinho teve pena e pensou em manter o encontro da tarde. Mas, sem Marise, que graça ia ter? Ele estava nessa dúvida e pensando se Marise não ia ao cinema à tarde com Eduardo quando o professor Carlos entrou na classe, para a primeira aula do dia. Logo depois de dar bom-dia aos alunos, o professor perguntou a

Ricardinho:

– Trouxe a foto?

– Está aqui – disse Ricardinho, levantando-se para levar a fotografia ao professor.

– Você sabe onde é o Notícias Mundiais?

– Não.

– É ali na Barros Medina.

– Ah, é? Puxa, é aqui perto.

– Pois é. Eu prometi levar hoje a sua foto ao meu amigo Luís Alberto, mas não vou poder. Será que você me faz o favor de ir lá?

– Claro. E praticamente no caminho de casa. Eu vou lá, sim. Pode deixar.

O professor colocou então a foto de Ricardinho num envelope, com o nome do amigo, Luís Alberto Castanheira, e o endereço.

– Você já entrou numa redação de jornal?

– Nunca, professor.

– Você vai gostar. É muito interessante.

27 - CADÊ O CASTANHEIRA?

Na saída da escola, Ricardinho despediu-se de Adriana, que não parecia disposta a deixá-lo ir embora, e ligou de um orelhão para a mãe, avisando que não o esperasse para almoçar:

— Vou até o jornal e devo me atrasar um pouco.

Mas filho, você tem dinheiro para o ônibus? Não preciso, mãe. O jornal é na Barros Medina.

— Na Barros Medina? Puxa, que perto! Acho que esse jornal não pode ser muito bom.

— Por quê?

— Porque, se fosse, ia escolher um bairro melhor para se instalar... Ricardinho riu.

— Bem que você gosta do nosso bairro, vai — ele disse, antes de desligar.

O Notícias Mundiais ficava a uns dez minutos do parque e, ao chegar diante do prédio do jornal, Ricardinho viu que ele era novo e tinha três andares. Na portaria, ele foi ao balcão e informou que tinha um envelope para entregar ao editor Luis Alberto Castanheira.

— Pode deixar comigo, que eu encaminho — sugeriu o porteiro.

— Eu não posso subir?

— Você quer dar uma espiada para ver como é, é isso ?—perguntou o porteiro.

— E.

— Todo mundo gosta de ver como é um jornal por dentro — comentou o homem, perguntando se Ricardinho tinha um documento.

— Serve a identidade escolar?

— Serve.

O porteiro anotou o nome de Ricardinho num livro enorme, pôs um crachá de visitante na camisa dele e disse:

— Pode subir. É no terceiro andar. O elevador é logo ali.

O elevador era o mais luxuoso que Ricardinho já tinha visto, e também o mais rápido. Assim que desceu no terceiro andar, ele ouviu um zunzum que logo o fez lembrar da feira aonde às vezes ia, para fazer compras com a mãe.

Deu alguns passos pelo corredor e chegou a uma sala muito grande, cheia de computadores. Diante de quase todos, havia alguém batendo as teclas com ímpeto.

Vozes cruzavam-se, agitadas, enquanto os telefones tocavam furiosamente por todos os cantos:

— Já chegaram as fotos da exposição?

— Esta matéria não vai ficar boa de jeito nenhum.

— Arlindo! Ô, Arlindo!

— Alguém viu o Daniel?

— Pois não, pode falar.

— Quem foi fazer a entrevista com o secretário da Educação?

— Vocês estão querendo me deixar louco. Por que eu fui escolher esta profissão?

Ricardinho ficou parado na entrada da sala, indeciso. Um homenzinho de uniforme azul, com uma pilha de papéis na mão, esbarrou nele e perguntou:

– Ei, garoto, está procurando alguém?

– Estou. Eu quero falar com o Luís Alberto Castanheira. Eu sou da...

– O Castanheira? Espere um pouco – pediu o homem, olhando para todos os lados. – Castanheira! Ô, Castanheira! Venha por aqui, menino.

Ricardinho seguiu-o com dificuldade. Ele caminhava rapidamente entre as mesas, deixando um papel aqui, outro ali, mais um acolá. Quando chegou a uma mesa cujo computador não estava ligado, disse a Ricardinho, puxando uma cadeira para ele se sentar:

– O Castanheira trabalha aqui. Você pode aguardar, que daqui a pouco ele vem.

28 – JORNALISTA OU ESCRITOR?

Enquanto esperava a chegada de Castanheira, Ricardinho foi observando melhor o ambiente. Sua mãe, que sempre falava da necessidade de haver ordem em tudo, definiria aquilo como uma bagunça organizada. Era uma das expressões favoritas dela. E ele estava tão entusiasmado com aquela bagunça organizada que, se precisasse resolver naquele instante qual seria sua profissão, não teria dúvida: ia querer ser jornalista. Ainda olhava boquiaberto para tudo quando ouviu uma voz vinda da mesa ao lado:

– Está gostando, garoto?

Virou-se e viu um homem imponente, alto, gordo, com um rosto cheio e cabelos ondulados, com um começo de falha em cima. Sorriu para ele e disse que estava gostando demais.

– É um bom trabalho – comentou o homem. – Existem coisas piores... Você quer falar com o Castanheira?

Ricardinho disse que sim e contou por que estava lá.

– Quer dizer, então, que você é o rei da redação da escola, é? Parabéns. Qual é o seu nome?

– Ricardo.

– Começando tão novo, e já ganhando um concurso, você pode ser logo um grande jornalista, um grande escritor.

– O senhor acha?

– Acho. Basta ter vontade.

– O que é mais difícil? Ser jornalista ou ser escritor?

– No fundo, é a mesma coisa. Tanto o jornalista quanto o escritor contam histórias. As do escritor são criadas por ele, as do jornalista são reais.

– O senhor é só jornalista ou também é escritor? Quando ia responder, o homem foi interrompido pelo homenzinho de azul, que lhe disse:

– Sousa, o Eurípides está chegando com o retrato falado.

– Tudo bem. O que você perguntou mesmo, Ricardo?

– O senhor é escritor também?

– Nem escritor nem jornalista. Eu tentei ser as duas coisas, mas até hoje não consegui.

Ricardinho ficou olhando para ele, sem saber o que falar. Não tinha entendido.

– Sou um jornalista medíocre e um escritor sem nenhum livro publicado – explicou Sousa. – Quando eu era moço, contava umas histórias que as pessoas apreciavam. Todo mundo achava que eu tinha futuro como escritor. Mas hoje...

Os olhos dele fixaram-se no teto. Parecia estar longe, muito longe dali. Havia tristeza no seu rosto. Mas de repente ele sorriu e perguntou:

- Quer ouvir uma piada, Ricardo?
- Quero. Eu gosto de piadas.
- Acho que todos gostam, não é? – disse Sousa. Depois, começou:

29 – O MENINO E O PADRE

“Um dia, um padre estava na sacristia, consultando um livro para preparar um sermão, quando ouviu uns berros na rua. Curioso, ele foi até a porta da igreja e viu que os berros eram de um menino que atirava pedras numa placa de trânsito e, quando errava, dava um grito:

– Pô, errei!

O padre ficou um minuto acompanhando a cena e, já furioso, aproximou-se do menino e advertiu:

– Vamos parar já com esses palavrões, garoto! O que é que você está pensando. Você não tem medo do castigo de Deus? E você não vê também que, se essa placa cair, o trânsito aqui vai ficar perigoso? Pode até morrer alguém!

Mas o menino, fingindo que não ouvia, continuou atirando as pedras e, ruim de pontaria como ele só, não parava de berrar: /

– Pô, errei! Pô, errei!

De repente, nuvens carregadas foram aparecendo e cobriram o céu.

O padre então avisou:

– Cuidado, menino! Se você não parar já com esses palavrões, Deus manda um raio lá de cima e você morre torradinho.

Mas o menino continuou fingindo que não ouvia e, sempre jogando as pedras, gritava:

– Pô, errei! Pô, errei! Pô, errei!

O padre olhou para o céu, pensando: esse moleque vai acabar sendo castigado. Aí, um trovão explodiu, quase derrubando o quarteirão.

Apavorado, e já arrependido da ameaça que tinha feito ao menino, o padre fechou os olhos. Quando teve coragem de olhar de novo para a frente da igreja, não acreditou no que viu:

atingida, a tabuleta estava no chão e tinha começado a pegar fogo.

Enquanto ele olhava espantado para a cena, o moleque, imaginando que tudo aquilo tinha acontecido por causa da sua última pedrada, fez um gesto de vitória e gritou:

– Viu só? Eu acertei! Viu só? Eu acertei!”.

Ricardinho caiu na gargalhada. Sousa, sorrindo, disse:

– Nem preciso perguntar se você gostou, não é, Ricardo? Sabe que fazia um tempão que eu não contava essa piada? Mas parece que ainda estou em forma, hem? Agora você quer ouvir uma história?

– Quero, sim.

– Só que é um pouco triste. Não faz mal?

– Não. Tudo bem.

– E um caso que aconteceu com uma sobrinha que eu tenho. Hoje ela está uma moçona. Mas, na época, era uma menininha.

E Sousa começou a contar a história da sobrinha, que um dia, ouvindo uma conversa da mãe e do tio, ficou muito assustada porque os dois diziam que todas as pessoas do mundo morrem.

Ricardinho arregalou os olhos e disse:

— Eu...

— Algum problema? — perguntou Sousa.

— Não, não. Pode continuar.

Quando, no meio da história, a sobrinha de Sousa ouviu da mãe a explicação de que só gente grande morria, Ricardinho já não tinha dúvida: conhecia aquela história e podia até contar o final dela.

— Aí — disse Sousa —, minha sobrinha se encolheu toda, para enganar a Morte, se ela aparecesse por lá. É coisa que só mesmo uma criança pode pensar, é ou não é?

— E — concordou Ricardinho, sem entusiasmo.

— Não gostou da história, Ricardo?

— Gostei. Gostei, sim.

— Não parece. Eu avisei que era meio triste.

O coração de Ricardinho batia forte. Estava se lembrando do que o pai havia falado sobre o Esqueleto: que ele era magro e comprido como um poste. Sousa era alto, sim, mas de magro não tinha nada.

— Posso fazer uma pergunta? — ele disse, olhando ainda com mais atenção para Sousa.

— Claro que sim.

— Onde o senhor começou a escrever? — Ricardinho perguntou, montando sua armadilha.

30 - BONS TEMPOS, AQUELES

Sousa olhou para Ricardinho e sorriu. Seu rosto remoeu, como se ele estivesse voltando no tempo.

— Você quer saber onde eu comecei a escrever? Foi num jornalzinho da cidade onde eu nasci.

— E onde o senhor nasceu? — perguntou Ricardinho, impaciente.

— Em Itanhaém.

Ricardinho queria dizer alguma coisa, mas sua garganta estava fechada.

— Já ouviu falar de Itanhaém? — quis saber Sousa.

Ricardinho fez que sim, com a cabeça.

— É uma boa cidade — suspirou Sousa. — Sempre lembro dela com saudade. Faz mais de dez anos que eu não vou lá.

Ricardinho, que havia recuperado a voz, perguntou por que ele tinha deixado Itanhaém. Esperava poder decifrar aquele mistério que tanto intrigava o pai. Sousa suspirou de novo e respondeu:

— Coisas da vida. Eu tinha minhas ambições e achava a cidade muito pequena para mim. Mas não foi só isso. Eu tinha um amigo lá, sabe? Um amigão. O melhor que eu já tive. E foi por causa dele que eu fui embora. Nessa altura, Ricardinho não duvidava mais que Sousa fosse o Esqueleto e ficou tentando imaginar o que o pai poderia ter feito para magoar o amigo.

— Por causa do seu amigo? Ele aprontou alguma com o senhor?

— Não. Eu é que não quis aprontar com ele.

— O que aconteceu?

— Eu gostava de uma moreninha linda, mas não conseguia juntar coragem para me declarar. Sempre me achei muito feio, sabe como é? Agora eu até dei uma melhorada, engordei um pouco, mas naquela época eu era ridiculamente magro. Parecia um poste com complexo de inferioridade. Quá-quá-quá.

Ricardinho não resistiu ao riso. A imagem era ótima: poste com complexo de inferioridade...

Sousa prosseguiu:

— Quando eu estava quase decidindo vencer o medo e ir falar com a moça, tive um choque. Descobri que ela e o meu amigo tinham começado a namorar. Garoto, isso acabou comigo. De repente, perdi a vontade de tudo. O meu amigo notou que eu estava diferente, mas graças a Deus ele nunca desconfiou do motivo. Quando eu percebi que já nem podia mais olhar para ele, porque ficava morrendo de inveja, resolvi que era hora de sair de lá. Foi o que eu fiz. Fui para o Rio e entrei num jornal como colaborador, enquanto cursava a faculdade de jornalismo. Depois de terminar o curso, ainda fiquei morando algum tempo lá. Mas, como não estava progredindo na profissão, achei melhor vir tentar a sorte aqui. Estou há dois anos em São Paulo e, quando abriram este jornal, faz três meses, pensei que a minha chance tinha chegado. Mas, por enquanto, o que eu consegui foi só isto que você está vendo: sou repórter de polícia e, se você quer saber, um mau repórter, porque nem tenho experiência na área.

31 - BOLAS DE CRISTAL

Ricardinho olhou com pena para Sousa, que com um sorriso amargo pediu desculpas:

— Você deve estar imaginando que eu sou um sujeito muito maluco, para ficar contando essas coisas que não têm nenhum interesse para você. E acho que sou isso mesmo: um sujeito muito maluco.

Ricardinho ficou com uma pergunta engatilhada na língua, não sabendo se a disparava ou não. Finalmente decidiu:

— O nome do seu amigo lá de Itanhaém era Jéferson?

Sousa arregalou os olhos e permaneceu alguns instantes imóvel como uma estátua. Depois, admitiu:

— Era. Como você sabe? Você tem bola de cristal, Ricardo?

— Não. Sabe o que é? É que o Jéferson é meu pai. E ele vive falando do senhor.

— Verdade? O Jéferson, o grande Jéferson de Itanhaém, é seu pai?

— E.

— E ele fala bem ou mal de mim?

— Bem. Muito bem.

Sousa parecia emocionado. Com um tremor na voz, ele perguntou:

— E a sua mãe, Ricardo? Ela também é de Itanhaém?

—É, sim.

— Então me deixe adivinhar o nome dela. E Viviane?

— Puxa, o senhor também tem bola de cristal... — brincou Ricardinho.

— Bola de cristal? Não precisa ter bola de cristal para adivinhar isso. Do jeito que o Jéferson gostava dela e ela gostava do Jéferson... Diga uma coisa: sua mãe ainda é... ainda é...

—O quê?

— Nada, nada. É besteira minha.

— Minha mãe ainda é bonita, sim. Era isso que o senhor perguntar?

— Sua bola de cristal é poderosa mesmo — disse Sousa, da do uns tapinhas nas costas de Ricardinho. — Olhe, vamos fazer uma coisa. Aqui estão os meus telefones. O daqui e o de casa. Leve para o seu pai e peça para ele ligar, se quiser. Ia ser muito boa gente bater um papo.

Nesse momento, o homenzinho de uniforme azul aparece com um desenho e o deixou na mesa de Sousa. Era o rosto de homem muito feio.

– Este é o retrato feito por um perito da polícia com base depoimento de pessoas que estavam no banco assaltado ontem na Heitor Sampaio – explicou Sousa.

– Nossa! Assaltaram aquele banco? Eu não estava sabendo –disse Ricardinho.

– Você não ouviu a barulheira no bairro?

– Ouvi, sim. Mas não sabia que era isso.

– O assalto foi feito por três bandidos mascarados que levaram muito dinheiro e escaparam num carro. A polícia perseguiu os três, mas eles abandonaram o carro e fugiram pelos quintais de umas casas. As informações são confusas, mas parece que cada um correu para um lado, para despistar a polícia.

– O senhor não disse que eles estavam mascarados?

– Estavam.

– E como viram o rosto desse aí?

– Ótima pergunta, Ricardo. Sabe que você leva jeito para detetive? Os três estavam mascarados, mesmo. Mas, na fuga, a máscara de um deles caiu. Vamos ver se, publicando este retrato falado, o jornal pode ajudar a encontrar essa quadrilha.

Quando Sousa acabou de dizer isso, chegou um rapaz corado que, pela saliência da barriga, devia ser um comilão. Era o Castanheira.

Ricardinho entregou a ele o envelope com a foto, explicando o que era, enquanto Sousa recomendava:

– Dê destaque ao texto do garoto, hem, Castanheira? Ele é filho de um grande amigo meu. Quando a crônica vai sair?

– Talvez já amanhã, se não chegar uma outra que prometeram me entregar ontem e ainda não veio.

Na despedida, Ricardinho disse a Sousa:

– O senhor vai ler a minha história quando ela sair?

– Claro que vou. Faça questão.

– Vai ser uma surpresa para o senhor. Tchau.

32 – UM PEDIDO DE SOCORRO

Já em casa, Ricardinho ainda estava tão excitado com a visita ao Notícias Mundiais que nem foi para a cozinha esquentar o almoço no microondas.

Sentou-se no sofá e ligou a tevê, mas nem notou qual era o programa que estava passando.

Começou a recordar tudo que tinha acontecido na redação do jornal. Pensou em ligar para o pai e contar o encontro com o Esqueleto. Mas apesar da ansiedade, que a cada instante o arrastava para perto do telefone, resolveu se controlar e esperar a noite. O pai não gostava de ser interrompido no trabalho e aquela era uma conversa que ia exigir algum tempo.

Estava tentando adivinhar a cara que o pai faria ao saber que ele havia falado com o Esqueleto, quando o telefone tocou. Era

Adriana:

– Dá pra você vir já pra minha casa, Ri?

– Dá. Mas por quê? Tudo isso é saudade de mim ou só vontade de estudar? – perguntou Ricardinho, esperando ouvir uma gostosa gargalhada.

Mas Adriana não riu. Com voz tensa, ela explicou:

— E uma coisa que está me preocupando. Lembra o sobradinho verde onde você disse que viu um tipo estranho?

— Lembro, lógico.

— Depois que você falou aquilo, eu fiquei meio encucada, sabe? Depois eu esqueci. Mas hoje eu não vi nenhum movimento na casa. E isso é esquisito demais porque, quando a dona Fátima faz alguma viagem, ela sempre me pede pra dar comida ao gato dela, o Didi, aquele ruivinho que você viu ontem. Eu já toquei a campainha um montão de vezes e nada. A dona Fátima pode estar doente lá dentro ou...

Ricardinho sentiu um arrepio na espinha. O retrato falado que Sousa tinha mostrado no jornal reapareceu de repente na sua memória com tanta nitidez que ele bateu a mão na testa, com força. Que burro, que idiota, que estúpido, que imbecil ele tinha sido! Como não havia percebido, na hora, a semelhança entre aquele rosto e o do tipo que tinha visto no sobrado?

— Pode me esperar, Adri. Eu vou correndo.

— Obrigada, Ri. Se o meu pai e a minha mãe estivessem aqui, eu podia pedir ajuda. Mas os dois só voltam à noite. E, se eu telefonar pra eles, os dois vão achar que eu estou exagerando.

Ricardinho desligou a televisão um minuto antes de o repórter policial dizer que a policia continuava caçando a perigosa quadrilha que tinha assaltado um banco. Saiu andando rápido, depois começou a correr e, no meio do caminho, já estava se sentindo um pouco jornalista e um pouco detetive.

Ainda não sabia como, mas tinha o pressentimento de que podia se tornar um herói tão grande, tão famoso, que nem Marise ia deixar de notar.

Estava todo empolgado. Mas, já perto da casa de Adriana, sentiu um frio muito forte na barriga. Não adiantava tentar fingir que não sabia o que era aquilo. Era medo. E que medo!

33 - UM PLANO ARRISCADO

Quando Ricardinho chegou à casa de Adriana, ela estava esperando por ele no portão. Aninhado nos braços dela, estava o gato ruivo.

— Ele veio agora há pouco — disse Adriana — e ficou miando que nem um desesperado. Pus leite num pratinho e você precisava ver como ele estava com fome. Parecia que era a primeira vez que ele via comida. Essa história está muito estranha, Ri.

Ricardinho pegou as mãos de Adriana. Estavam geladas. E gelaram mais ainda quando ele falou a ela sobre o assalto ao banco e sobre o retrato falado do bandido, que ele tinha visto na redação do jornal.

— Meu Deus. O que nós vamos fazer, Ri? Você acha mesmo que o homem que você viu na casa é o que assaltou o banco?

Ricardinho já não estava tão certo, agora. Aquilo podia ser só mais uma molecagem da imaginação dele. Tinha visto o homem na casa por um segundo apenas. Como podia garantir que ele era o mesmo do retrato falado?

Pensando bem, começava até a achar que não era.

— O que nós vamos fazer, Ri? — insistiu Adriana.

Ele jamais admitiria, mas estava tão indeciso quanto ela. Não tinha nenhuma idéia.

— Quer dizer que você tocou a campainha, Adri?

— Toquei. Um milhão de vezes.

Por mais que pensasse, Ricardinho não estava conseguindo imaginar um plano. Finalmente, vendo a impaciência de Adriana, ele propôs:

— E se você fosse tocar outra vez?

– Acho que não vai adiantar.
– Não custa tentar de novo. Só que, desta vez, enquanto você estiver lá na frente apertando o botão, eu vou até o fundo, pela entrada lateral. Se o bandido estiver lá dentro, ele vai ficar de olho na frente quando ouvir a campainha, e isso vai facilitar as coisas pra mim. Eu dou uma investigada rápida e volto.
– E se o bandido te pegar lá no fundo?
– Aí... Aí eu digo que entrei só para pegar uma bola. O que você acha?
Adriana concordou, olhando para ele com admiração. Era preciso ser muito corajoso para fazer aquilo.
Começaram a pôr em ação o plano. Enquanto Ricardinho se esgueirava pela entrada lateral, Adriana tocou a campainha. O gato estava no seu colo. Foi enorme sua surpresa ao ver a porta se entreabrir e aparecer dona Fátima.
– O que você quer, Adriana? – ela perguntou, mantendo a porta meio aberta e meio fechada.
– Nada. Só vim ver se a senhora está bem.
– Estou, sim. Não precisa se incomodar.
– Ah, que bom -- disse Adriana, abrindo o portão e caminhando para a porta. – Vou levar o Didi aí pra senhora. Já está começando a esfriar e...
– Não precisa se incomodar – repetiu dona Fátima, recuando como se fosse entrar.
Mas Adriana já estava na porta. Viu uma expressão estranha no rosto de dona Fátima e, ao esticar os braços para passar Didi às mãos dela, foi puxada bruscamente para dentro.
Agarrada por um homem musculoso como um lutador, viu que outro, muito mal-encarado, apontava um revólver para as costas de dona Fátima. Didi passou entre as pernas dele e, dando um miado rouco de pavor, foi se esconder embaixo de uma cadeira.

34 – POR QUE VOCÊ INSISTIU?

– Ah, minha filha, você não percebeu que eu fazia sinal com os olhos, para você não entrar? – perguntou dona Fátima.
– Cala a boca, velha! – ordenou o homem do revólver.
O outro, apertando os pulsos de Adriana, exigiu também:
– Bico calado, sua intrometida! Se você cuidasse só da sua vida, não ia estar aqui passando este sufoco. Nós demos muitas chances, mas você insistiu tanto em bisbilhotar que mereceu isto. E você, velha, eu vou também calar a sua boca. Não agüento mais ouvir essa voz de arara histérica.
Um minuto depois, Adriana e dona Fátima estavam amarradas em cadeiras e amordaçadas com esparadrapos.
Apavorada, Adriana sentiu o terror crescer ainda mais ao pensar no que poderia acontecer com Ricardinho.
O homem do revólver disse ao outro:
– Hoje à noite a gente precisa se mandar. Não dá mais pra ficar aqui. O pessoal da vizinhança já está começando a desconfiar.
– É isso aí. Assim que escurecer, nós tiramos o time de campo. Já faz uma hora que eu não ouço uma maldita de uma sirene.
– E, mas é bom não vacilar. A polícia ainda deve estar babando atrás de nós. Garanto que o banco até ofereceu recompensa.
– E não era pra oferecer? O prejuízo deles não foi mole. Quá-quá-quá.

O homem do revólver foi até a cozinha e voltou com dois cafezinhos.
— Está mesmo na hora de a gente mudar de ares. Esta velha aí é pobre demais. A comida dela já está quase no fim. Não tem mais na-

da na despensa. O, miséria! Vou acabar comendo aquele gato. Cadê ele?
Dona Fátima mexeu-se na cadeira. Queria gritar de aflição, mas o esparadrapo não deixava.

— Acho que vou levar um cafezinho também pro Banguela, lá no fundo.

— Cafezinho? O negócio dele é outro, você sabe. Ainda bem que já acabou o licorzinho aí da vovó, senão ele não ia dar folga. No meu próximo trabalho, não vou querer nenhum bêbado na turma. Esse pessoal não tem responsabilidade nenhuma.

Ao ouvir essa conversa, Adriana acabou de perder a esperança de Ricardinho escapar e procurar ajuda. O bandido que vigiava o quintal ia apanhá-lo, na certa.

Assim que pensou nisso, ela ouviu um ruído fortíssimo vindo do fundo da casa. Os dois homens correram para lá. Para dona Fátima, e principalmente para Adriana, foram momentos que pareceram séculos. O que estava acontecendo?

35 - ONDE ESTÁ RICARDINHO?

Depois de um silêncio assustador, dona Fátima e Adriana ouviram mais barulho, gritos e, no meio do tumulto, um ruído que pareceu um disparo.

"Ah, meu Deus, eles mataram o Ri!", pensou Adriana.

Nesse instante, o bandido cheio de músculos entrou correndo na sala e foi derrubado por um homem tão forte quanto ele, que em seguida lhe apontou uma arma. Adriana suspirou de alívio. Parecia que a polícia tinha chegado.

Um minuto depois, arrastando-se e gemendo, sem o revólver, chegou o outro bandido. Agarrado por outro policial, ele segurava a perna, que estava sangrando, e xingou o comparsa:

— Seu filho da mãe. Eu não avisei que era pra você ficar sempre com a arma? Você disse que não precisava, que confiava nos seus punhos. Belos punhos, os seus...

O musculoso, sob a mira do guarda que o tinha apanhado, respondeu:

— E você, que nem armado se livrou? A culpa não é minha. É do Banguela, que encheu a cara com o licorzinho da velha e bobeou.

Também imobilizado por um policial, o bandido que tinha falhado na missão de vigiar o fundo da casa entrou na sala. Adriana olhou para ele e, talvez pela raiva que estava sentindo, achou que a cara dele era mesmo de imbecil. Um sorriso sem graça mostrou logo por que era chamado de Banguela. Não devia ter mais do que três ou quatro dentes. Devia ser ele o do retrato falado. O, sujeito feio!

Ela sorriu então, com a volta do bom humor, enquanto lhe tiravam os esparadrapos da boca e a desamarravam. Mas imediatamente uma preocupação desfez seu sorriso. Onde estava Ricardinho?

36 - VEJAM QUEM ESTÁ AQUI

Adriana não precisou esperar muito para saber onde estava Ricardinho. Logo ele estava entrando na sala, com os braços abertos para abraçá-la.

— Você está bem? — ela perguntou, aflita.

— Estou. Sem um arranhão.

– O que aconteceu lá no quintal?

Ricardinho tomou fôlego e, observado por todos, até pelos policiais, contou:

– Eu tirei os tênis, pra não fazer barulho, e fui avançando com cuidado. Quando cheguei lá ao fundo, levei um susto. Aquele bandidão ali estava sentado numa cadeira e pensei que ele tivesse me visto. Gomo ele continuou parado, eu fiquei um tempão ali, com medo de me mexer e ele notar a minha presença. Aí, percebi que ele estava dormindo.

– Dormindo, Banguela? Assim também é demais – resmungou o bandido musculoso. – Bêbado e dorminhoco...

Banguela resmungou alguma coisa que ninguém entendeu.

– Resolvi então voltar para a frente – continuou Ricardinho. – Mas, na hora em que dei o primeiro passo, o cara acordou e olhou na minha direção. Quando ele começou a se levantar, bocejando e se espreguiçando, eu me apavorei e sabe o que eu fiz? Atirei os tênis na cabeça dele e, não sei como, ele caiu duro. Vai ver que foi o meu chulé...

– Eu não acredito – riu Adriana. – Um perigo desses e você ainda brinca... Quer dizer que foi o chulé, é?

– Chulé nada. Foi o maldito licor aí da velha – queixou-se Banguela. – Eu estava dormindo numa boa, sonhando que estava bebendo uma cachacinha. De repente, perdi o equilíbrio e caí de boca no chão. Abri os olhos e estava tudo em ordem. Não vi ninguém lá no quintal. Acho que esse garoto está mentindo e querendo bancar o herói. Quando sentei outra vez na cadeira e peguei de novo no sono, apareceram esses guardas aí e começaram a me dar pancada.

– E depois? – Adriana perguntou a Ricardinho, sem dar atenção ao bandido.

– Depois, eu sai correndo. Melhor um garoto vivo do que um herói morto.

– Isso é verdade – concordou Adriana, admirando a frase de Ricardinho. Ele tinha mesmo jeito de escritor.

– Quando eu cheguei à frente da casa e vi que você não estava lá, fui correndo até o orelhão, mas aí me deu aquele branco: qual era mesmo o número da polícia? Fiquei ali, suando frio, até que este cartão aqui me salvou.

– Esse cartão?

– E. É de um amigo meu, do Notícias Mundiais.

Adriana estava curiosíssima:

– Do Notícias Mundiais?

– E. Um repórter que eu conheci hoje lá. Depois eu conto tudo pra você. Só sei que liguei para o Esqueleto e...

Adriana arregalou os olhos:

– Esqueleto????!!!

– Quero dizer Sousa. Esqueleto é o apelido dele. É o meu amigo lá do jornal. Aí ele...

37 – A VITÓRIA DO ESQUELETO

Ricardinho foi interrompido por um homem alto e forte, que completou a frase:

– Aí o Esqueleto, que sou eu, telefonou para a delegacia, garota, e é o que você está vendo: uma boa caçada para a polícia e uma bela reportagem para mim.

O bandido musculoso comentou:

– Esqueleto, esse aí? Com essa barriga? Eu, hem?

Adriana e Ricardinho riram. E riram mais ainda quando olharam para o outro canto da sala e viram dona Fátima, agachada, tentando puxar Didi,

que continuava se recusando a sair de baixo da cadeira onde tinha se enfiado no meio da confusão.

— Vem, meu querido, vem — pedia ela. — Os bandidos já estão presos. Pode sair daí, meu amorzinho.

Esqueleto aproximou-se de Ricardinho e perguntou:

— Você já falou com o seu pai sobre a nossa conversa?

— Não, não deu tempo.

— Nem com sua mãe?

— Também não.

— Então vamos combinar uma coisa. E melhor não contar por que foi que eu saí lá de Itanhaém. Eu invento outra história. Inventar histórias é comigo mesmo.

— Mas por quê?

— Eles não precisam saber. Ia ser chato eles ficarem achando que, mesmo sem querer, me magoaram, me prejudicaram, entendeu? Isso foi há tanto tempo... Tudo bem?

— Por mim, tudo bem.

— Acho melhor assim. Pode contar tudo para eles, menos isso. Está bom?

Ricardinho concordou e foi saindo da casa com Adriana. Na frente, havia uma aglomeração. O carro da polícia tinha atraído muita gente. Mas Adriana parecia não estar vendo ninguém. Quando chegaram ao portão, ela abraçou Ricardinho e, sem nenhum aviso, lhe deu um abraço longo, bem longo, e um beijo estalado no rosto. Apanhado de surpresa, Ricardinho ficou olhando para as pessoas, sem jeito.

38 - É PROIBIDO BEIJAR?

Depois do beijo, Adriana fechou os olhos e ficou com a cabeça encostada no ombro de Ricardinho. Tinha vontade de chorar e de rir, ao mesmo tempo. A tensão que havia suportado depois de ser puxada para dentro da casa pelos bandidos tinha sido a mais forte de sua vida e, agora que estava livre dela, seu coração se abria para mostrar o que ela já vinha sentindo fazia algum tempo: gostava muito de Ricardinho, como jamais havia gostado de nenhum garoto.

Suas lágrimas rapidamente molharam a camiseta de Ricardinho, mas quando ele ergueu com a mão o queixo dela e retribuiu seu beijo com outro beijo estalado, na testa, havia um sorriso naquele belo rosto oriental.

Depois do beijo, Ricardinho olhou para o lado e levou um susto: um dos policiais estava a dois passos dele e acompanhava a cena com muito interesse, como se não tivesse mais nada para fazer.

Ricardinho pensou: será que ele vai dizer que beijar é proibido? Adriana também parecia preocupada. Mas o guarda sorriu para os dois e disse:

— Eu preciso anotar o nome e o endereço de vocês dois. Vocês são testemunhas do caso.

Ricardinho quase protestou. Testemunhas? Então era só isso que eles era? Será que o guarda não sabia que eles tinham ajudado a prender aqueles bandidos?

Essa foi uma decepção muito grande para ele, que já estava sonhando ler, nos jornais, manchetes falando do garoto que, com um par de tênis, tinha liquidado uma perigosa quadrilha de assaltantes de bancos. Ele e Adriana deram as informações ao policial. Depois se despediram, com novos abraços e beijinhos.

Adriana estava encantada. Ricardinho, feliz mas meio confuso, comparava o que sentia por Marise com o que sentia por Adriana. Tinha dado um dezena de passos quando ouviu uma voz que o chamava.

- Ei! Ei!

Era Adriana. Aproximando-se de novo dele, ela disse:

- Eu esqueci de falar uma coisa.

- O que é?

- Já faz muito tempo que... que eu...

Ele ficou esperando, mas ela só conseguiu repetir:

- ... que eu...

Emocionado, ele abraçou de novo e disse:

- Eu fui burro de não perceber antes.

Andando de volta par casa, Ricardinho estava entusiasmado com a sua atuação como detetive, mas logo percebeu que estava ainda mais empolgado por saber como Adriana gostava dele e por descobrir como ele já gostava dela também. Sentiu que aquela era a hora de ver se ele tinha alguma chance também como poeta. Aquela garota, a sua garota, merecia que ele tentasse.

Imaginando como ele ficaria feliz se ele conseguisse pôr pelo menos um pouco daquele maravilhosa sensação num poema, ele chamou a inspiração. Os dois primeiros versos vieram logo:

Adriana,

Eu não sei se alguém lhe disse.

Aí, ele riu. Não, aqueles eram versos que ele tinha feito para Marise.

Adriana merecia coisa melhor, agora ele sabia. E, no resto do caminho, ele foi criando imagens e rimas para ele. Empolgado com aquilo, ele passou pela casa de Toquinho sem perceber. Quando o poodle começou a latir para chamar a atenção dele. Ricardinho olhou para trás e disse:

- Ah, você já está sabendo que eu sou um herói, não é? Mas não adianta ficar aí reclamando, porque eu não vou dar autógrafo, não.

Já na rua de casa viu um homem de bigodinho e cavanhaque, igual ao que o tinha visitado certa manhã na escola, na aula de matemática. Apesar do sol que ainda brilhava maduro no fim da tarde, sentiu um arrepio e teve vontade de recuar.

Mas sua indecisão durou só um instante. Respirando forte ele passou pela esquina sem olhar para trás e abriu o portão, com um pensamento: quem garantia que aquele homem e aquela visita não tinha sido uma brincadeira da sua imaginação? E um herói como agora ele era não podia ter medo de um fantasma, por mais feio que ele fosse.

Entrou em casa e ficou esperando ansiosamente a mãe e o pai. Quando os dois chegassem, ele tinha muitas coisa para contar, mais do que em qualquer outro dia da sua vida. Só havia um problema: será que eles não iam achar que ele era mentiroso?

39 - O HERÓI CANSADO

Assim que os pais chegaram, Ricardinho começou a contar os emocionantes acontecimentos do dia. Eram tantas coisas que, de vez em quando, os dois olhavam para ele como se estivessem pensando: será que tudo isso não é só

imaginação de escritor? Toda vez que Souza, o Esqueleto, era citado, eles ficavam ansiosos:

- Precisamos fazer um convite par ele vir aqui.

- Precisamos, sim. Será que jornalista trabalha aos domingos?

Ricardinho não se cansava de lembrar e relembrar cada lance de suas aventuras . Por isso, quando Jéferson, à meia-noite e meia, disse que estava desmaiando de sono e ia para a cama , ele ficou decepcionadíssimo com o pai. Queria continuar contando todos os detalhes do que tinha acontecido come lê, no jornal e na casa de dona Fátima. No instante em que Jéferson se levantou do sofá bocejando, ele fez mais uma tentativa:

- Pai, você sabe o que o Esqueleto falou quando...

Mas o pai já não estava na sala. Ricardinho então olhou para Viviane:

- Mãe, você sabe o que o Esqueleto falou quando...

Mas a mãe, bocejando como o pai, também estava se levantando do sofá e outra vez ele ficou sem concluir a frase. Sozinho ligada naquele noite, porque o pai e a mãe acharam as aventuras dele mais empolgantes do que qualquer novela ou programa.

Chegou a pegar o controle remoto, mas desistiu. De repente, o cansaço do mais movimentado e dramática dia da sua vida chegou, e ele começou a abrir tanto a boca, com os seus bocejos, que uma idéia divertida veio à sua cabeça: se a sua família entrasse num concurso de bocejo, ia ser campeã invicta.

Demorou para dormir. Ficou se virando na cama, ajeitando o travesseiro, tentando se acalmar, chamando o sono, mas, quando o sono vinha, era espantado por alguma recordação: o bandido no quintal, os tênis jogados nele, o medo, a corrida para fora da casa, o telefonema para o Esqueleto, a chegada da polícia, o desespero de dona Fátima, o beijo de Adriana. Quando olhou para o rádio relógio e viu que eram duas e vinte, içou feliz ao lembrar que não precisava acordar cedo. Sábado não era dia de aula.

40 - UM JORNAL PARA ADRIANA

Apesar de todo o cansaço, Ricardinho acordou só um pouco mais tarde do que acordava nos dias em que precisava ir à escola. O pai e a mãe ainda estavam na cama quando ele, depois de um banho rápido, deixou um bilhete na cozinha e, sem tomar café, saiu e foi até a banca de jornais, que ficava a uns dez minutos da sua casa. Estava tão ansioso que o jornaleiro brincou:

- Por acaso você foi convocado para a Seleção?

Sorrindo, Ricardinho pediu o Notícias Mundiais e viu, na capa, uma foto enorme dos bandidos apanhados na casa de dona Fátima. A manchete era:

POLÍCIA PRENDE ASSALTANTE DO BANCO

O Esqueleto aparecia numa foto menor e, embaixo dela, havia uma explicação: "Nosso repórter chamou os policiais".

- Você viu só que assalto? - perguntou o jornaleiro. - Foi aqui no bairro.

No meio do texto, Ricardinho viu que tinha sido citado, e Adriana também. Mas o nome dela não estava inteiro, só as iniciais, e o dele também:

R.C.L. Isso o deixou tão decepcionado que o jornaleiro brincou de novo:

- Algum desses bandidos era amigo seu?

Ricardinho não respondeu. Frustrado, resolveu ir até a redação do jornal. Por que o Esqueleto tinha feito aquilo? Quem ia saber que R.C.L. era Ricardo Cordeiro da Luz?

Chegando ao Notícias Mundiais, imaginou que talvez o Esqueleto ainda não estivesse lá. Mas, quando perguntou ao porteiro, o homem disse que ele estava, sim. E, reconhecendo Ricardinho, deixou-o entrar sem documento. Só no elevador Ricardinho se lembrou de ver, nas páginas internas, se sua crônica tinha sido publicada. Parecia mentira, mas ela estava lá, na página sete, com o título em letras grandes ("A menina e a Morte") e, em letras menores, o nome dele, inteirinho: Ricardo Cordeiro da Luz. Sua foto não tinha saído muito boa, mas mesmo assim ele suspirou, orgulhoso. Havia pouca gente na redação e, quando o viu, O Esqueleto tirou as mãos do teclado do computador e, levantando-se, deu-lhe um abraço.

- Oi, Ricardo. Como vai, garoto? Você teve sorte de me encontrar. Eu só estou aqui tão cedo por causa daquela loucura de ontem. A reportagem fez tanto sucesso que o chefe me pediu para escrever mais duas páginas hoje. Estou vendo que você comprou o jornal. Já leu a reportagem?

- Já.

- Gostou?

- Gostei - disse Ricardinho, sem entusiasmo.

- Gostou mesmo? Não está parecendo. O que é que foi? Pode falar.

- É que o meu nome...

O Esqueleto riu:

- Ah, foi isso? Você queria o seu nome inteiro?

Ricardinho fez que sim, coma cabeça.

- Eu pus só R.C.L. - explicou o Esqueleto - porque é ilegal publicar nomes de menores de idade no noticiário policial. É uma proteção, entendeu? Nem nome nem endereço, nada disso. Você imaginou se algum amigo daqueles bandidos resolvesse se vingar?

Sentindo um arrepio na espinha, Ricardinho confessou:

- Puxa, eu não tinha pensado nisso.

Nesse momento, a porta de uma sala se abriu e um homem chamou:

- Souza, você pode vir aqui um instante?

- Opa, o chefe quer falar comigo, Ricardo. Você me espera um pouco aqui?

- Não. Eu já vou indo.

- Tudo bem. Outro dia a gente conversa melhor.

Pegando três jornais do dia numa pilha, o Esqueleto os entregou a Ricardinho:

- É para você levar os amiguinhos da escola.

Antes de se despedir, o Esqueleto ainda comentou:

- A crônica ficou muito boa, você viu? Parabéns. Se eu não tomar cuidado, logo você vai estar aqui, no meu lugar. Só quero dizer uma coisa: parece que eu já ouvi a história que você contou... Isso só pode ser coisa daquele seu pai...

Ele deu uma gargalhada. Depois, começou a andar na direção da sala do editor-chefe. No meio do caminho, parou, voltou até a pilha de jornais, pegou mais um e, piscando, ofereceu:

- Este aqui é para a sua namoradinha.